

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Diego Lemos Rodrigues

Dos campos às páginas:

A participação negra na construção do futebol em Porto Alegre no pós-abolição (1907-1921)

Porto Alegre

2022

DIEGO LEMOS RODRIGUES

Dos campos às páginas:

A participação negra na construção do futebol em Porto Alegre no pós-abolição (1907-1921)

Trabalho de conclusão do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizado durante o 2.º semestre de 2022 e apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientadora: Fernanda Oliveira da Silva

Porto Alegre

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos André Bulhões Mendes

Vice-Reitora: Profa. Dra. Patrícia Pranke

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretora: Prof. Dr. Hélio Ricardo do Couto Alves

Vice Diretora: Prof. Dr. Alex Niche Teixeira

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Chefe: Profa. Dra. Clarice Gontarski Speranza

Chefe Substituto: Profa. Dra. Alessandra Mário Kerber

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA

Coordenadora: Profa. Dra. Cássia Silveira

Coordenadora Substituta: Profa. Dra. Regina Weber

CIP - Catalogação na Publicação

Rodrigues, Diego Lemos

Dos campos às páginas: A participação negra na construção do futebol em Porto Alegre no pós-abolição (1907-1921) / Diego Lemos Rodrigues. -- 2022.

54 f.

Orientador: Fernanda Oliveira da Silva.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em História, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Futebol. 2. Associativismo negro. 3. Imprensa negra. 4. Pós-Abolição. 5. Porto Alegre. I. Oliveira da Silva, Fernanda, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de História

A. Bento Gonçalves, 9500

CEP: 90650-00

Tel.: (51) 3308 6648

FOLHA DE APROVAÇÃO

Diego Lemos Rodrigues

Dos campos às páginas:

A participação negra na construção do futebol em Porto Alegre no pós-abolição (1907-1921)

Trabalho de conclusão do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizado durante o 2.º semestre de 2022 e apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em História.
Orientador: Fernanda Oliveira da Silva

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dra. Fernanda Oliveira da Silva – UFRGS
Orientadora

Prof.^a Dra. Melina Kleinert Perussatto – UFRGS
Examinadora

Prof.^a Dr. Marcus Vinicius de Freitas Rosa – UFRGS
Examinador

AGRADECIMENTOS

Muitos foram os braços que me ajudaram chegar até aqui.

Quero agradecer minha companheira de vida Suelen por ser meu porto seguro e minha inspiração diária. Agradeço pela força e a parceria nesses últimos anos. Conseguimos! Eu te amo além dos mil anos!

Quero agradecer minha mãe, Maria Alice, e meu pai, Mauro. Sem vocês eu nunca teria conseguido. Obrigado por tudo, por todo o esforço durante a vida, por todos os perrengues que vocês tiveram que passar por mim e pelo meu irmão. Obrigado, inclusive, pelas broncas para que eu não parasse de estudar. Vocês conseguiram! Seu filho vai se formar na federal! Amo vocês incondicionalmente.

Quero agradecer minha família (os Lemos e os Rodrigues). Todos, de alguma maneira, são minha inspiração! Para meus irmãos (Jeanderson e Vanessa), para minhas tias (Adriana, Rejane, Tassiane, Tatiana), para minha legião de primos (Carol, Rafael, Caio, Matheus, Daniel), para meus afilhados (Jean, Amelie e Davi) um agradecimento especial. Amo vocês!

Sem meus colegas essa graduação teria sido muito mais complicada. Um abraço especial pra toda galera do grupo “churrasco todo mês” que nunca conseguia fazer um churrasco todo mês. Os intervalos estendidos com vocês foram incríveis, os rolês regados a vinho e cerveja foram incríveis, os trabalhos realizados com vocês foram incríveis. Um agradecimento especial ao mano Marcus Ribas, ao mano Douglas Ramos, ao mano Carlos Guilherme e a mana Paula Rodrigues. Tamo junto!

Agradeço a todos os professores e professoras do curso de graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em especial a professora Fernanda Oliveira da Silva, que aceitou orientar esse trabalho e me ajudou a transformar minha paixão pelo futebol em linhas acadêmicas.

Agradeço a todos professores e professoras do curso pré-vestibular Resgate Popular que me ajudaram lá em 2015 a ingressar na universidade. Agradeço a todos os amigos que de lá levei pra vida. Em especial meu mano Arthur Rodrigues. A educação popular vive!

Por fim, dedico esse trabalho à memória da minha querida avó, a dona Maria Alda, popularmente conhecida como Deca.

*Não podemos ser pedintes.
Quem pede fica na mão do
opressor. Quem exige amputa a
mão do opressor. Quem pede
não tem chances. Quem
reclama aquilo que é seu
moralmente tem uma chance.*

Eduardo Taddeo

RESUMO

O presente trabalho visa investigar a participação negra no processo de construção do futebol em Porto Alegre em um contexto de pós-abolição. Tal participação se deu em duas frentes: no campo e nas páginas. Busca-se, em paralelo a isso, compreender os significados intrínsecos que o futebol assumiu para essa população nas primeiras décadas do século XX, numa perspectiva de associativismo negro e, também, verificar o desenvolvimento desse esporte na cidade através das páginas do jornal da imprensa negra: *O Exemplo*. O recorte temporal da pesquisa se localiza entre 1907 a 1921. A justificativa se dá pelo fato de que em 1907 marca a fundação do possível primeiro time do meio negro na capital e 1921 pois marca o primeiro aniversário daquela que se tornaria uma das principais organizações futebolísticas entre os negros: a *Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense*, conhecida popularmente como Liga da Canela Preta. A investigação, por consequência, busca também compreender o racismo e a racialização no processo de construção do esporte na cidade. Em um primeiro momento, o futebol era uma atividade estritamente de elites brancas, da qual só permitiu uma gradual inserção negra aos times e ligas tradicionais a partir da década de 1920. Entretanto, isso não impediu que parte da população negra criasse seu próprio universo futebolístico.

Palavras-chaves: Futebol. Associativismo negro. Imprensa negra. Resistência. Pós-abolição. Porto Alegre.

ABSTRACT

The present work aims to investigate black participation in the process of construction of football in Porto Alegre in a post-abolition context. Such participation took place on two fronts: in the field and on the pages. At the same time, we seek to understand the intrinsic meanings that football assumed for this population in the first decades of the 20th century, from a perspective of black associations, and also to verify the development of this sport in the city through the pages of the press newspaper. black: The Example. The temporal cut of the research is located between 1907 and 1921. The justification is given by the fact that in 1907 marks the foundation of the possible first half black team in the capital and 1921 because it marks the first anniversary of what would become one of the main football organizations among blacks: Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense, popularly known as Liga da Canela Preta. The investigation, therefore, also seeks to understand racism and racialization in the process of construction of sport in the city. At first, football was strictly an activity for white elites, which only allowed for a gradual black insertion into traditional teams and leagues from the 1920s onwards. However, this did not prevent part of the black population from creating its own football universe.

Keywords: Football. Black associativism. Black press. Resistance. Post-abolition. Porto Alegre.

SUMÁRIO

Introdução	10
1 Associativismo como resistência frente à modernidade excludente	16
2 Participação negra no alvorecer do futebol em Porto Alegre	27
3 O <i>Foot-ball</i> pelas páginas do <i>O Exemplo</i>	39
Considerações finais	47
REFERÊNCIAS	50

Introdução

Mesmo que boa parte da população negra já estivesse em situação de liberdade na época da abolição, a falência definitiva do sistema escravista em 1888 possibilitou que essa população se organizasse de novas formas. Consolidaram uma extensa rede de associativismo – que já vinha sendo constituída mesmo na escravidão – que buscava trazer consciência coletiva, educação, lazer e entretenimento. O futebol se torna, nesse contexto, uma dessas redes à medida que o esporte vai se popularizando em terras gaúchas. Diversas ligas e times do meio negro foram criadas em Porto Alegre para que esses pudessem praticar o esporte, já que no âmbito “profissional” eram excluídos pelos times da elite branca. Há, nesse contexto, a difusão também da imprensa negra no estado do Rio Grande do Sul. Ela será utilizada tanto como fonte como objeto de análise, pois representa, assim como o futebol, uma das variadas formas das quais os negros sul-rio-grandenses se organizaram em perspectiva de sociabilidade no pós-abolição e usaram desses espaços um meio de afirmação identitária e reivindicação política. São vários os jornais que se consolidam na virada para o século XX e assumem relevância para a população negra frente aos jornais tradicionais. A nossa escolha aqui foi pelo jornal *O Exemplo*, de ampla circulação em Porto Alegre no início do século XX e que se manteve atento ao fenômeno futebolístico.

Há muitas formas e recortes possíveis para se estudar o pós-abolição no Brasil e entender como se davam as tensões sociais. O futebol é uma delas. O famigerado *esporte bretão* atuou como uma das tantas práticas sociais que as elites brasileiras importaram da Europa e que assumiram importância e relevância na formação da República. O seu desenvolvimento em solo brasileiro assumiu um caráter elitizado – curiosamente, diferentemente da sua origem na Inglaterra – e como um espaço de poder acabava por excluir parcelas inferiorizadas da sociedade, em especial os negros, que além do estigma da pobreza, tinham o estigma da raça, da qual concepções teóricas racistas da época justificavam seu segregamento mesmo em uma sociedade pautada por princípios republicanos.

No período estudado há uma massificação do esporte na cidade de Porto Alegre. O futebol, então, se tornou uma dessas práticas que marcaram a modernidade à medida que ele foi se popularizando no Rio Grande do Sul como um todo. O que talvez exemplifique a difusão da *novidade* é a criação de diversos clubes do meio negro que foram sendo criados como contraponto à exclusão da participação dessa população nos principais clubes e ligas.

O futebol, em suas múltiplas dimensões, nos oferece uma gama de questões das quais podemos compreender a partir dele. Hoje, por exemplo, conseguimos compreender que o

processo de elitização que o espaço do torcedor – as arquibancadas – sofrem e a administração de clubes, são reflexos da sociedade em si: elitização de espaços populares e de cargos de poder. Além disso, nos são apresentados quase que semanalmente seguidos casos de racismo dentro do ambiente futebolístico: sejam eles no próprio campo, no estádio ou nas redes sociais. Para alguém que enxerga o futebol como um bom meio de explicar a sociedade e suas tensões, não pode considerá-lo uma ilha. Dessa forma, essa problemática do racismo dentro do futebol representa uma realidade maior: o racismo e a racialização dos espaços de poder da sociedade. Mesmo os nossos heróis e heroínas da bola do nosso país sendo negros – Pelé, Garrincha, Ronaldinho, Marta, Formiga, Cristiane – os jogadores de futebol negros ainda são vistos como algo estranho dentro das quatro linhas. Nem mesmo ascendendo socialmente, o racismo deixa de ser um fantasma que os persegue. Há, também, tantas outras questões intrínsecas ao futebol que merecem igual atenção: a homofobia e o machismo, por exemplo.

Acreditamos que para compreender o processo de construção do futebol em Porto Alegre é tarefa intrínseca à isso compreendermos o alvorecer da nação brasileira e como o racismo se reorganizou na tentativa de determinar lugares sociais. A partir dessa prática, para olhos desinteressados, pode parecer impossível nos aproximarmos das tensões raciais que se deram no pós-abolição. A república constituída possibilitou aos negros uma esperança de um futuro melhor para si e suas futuras gerações através da consolidação de novas formas de reivindicação política. Entretanto, constantemente tentou afastá-los da cidadania e de sua participação no processo de construção da nação. Em Porto Alegre, assim como em todo o Rio Grande do Sul, é bastante comum ainda, principalmente por olhares externos, ver a região como um local branco, oriundo da imigração europeia. Isso se apoia em uma narrativa de que no sul a escravidão foi mais branda – ou que nem existiu. Essas são problemáticas que merecem ser combatidas, seja na produção acadêmica, seja nas salas de aula ou no discurso político do dia a dia.

Essa escolha se justifica por acreditar que tal abordagem contribui para o conhecimento histórico à medida que busca compreender o processo de difusão de um fenômeno sociocultural que penetrou em todas as camadas sociais do Rio Grande do Sul no período imediato do pós-abolição. Se tornando mais tarde, e de forma problemática, um grande elo cultural desses grupos. Para além disso, tal abordagem contribui, acreditamos, para uma aproximação dos significados que tal prática assumiu na sociedade como um todo, que consideramos algo de extrema relevância, pois a sociedade naquele momento buscava se

modernizar e a prática do futebol para as elites brancas – além de ser um marcador de lugar social, ou seja, uma prática específica desse grupo – significava se aproximar do progresso das outras capitais do Brasil. Paralelo a isso, o esporte assumiu para a população negra significados particulares também, da qual procuramos nos aproximar a partir da perspectiva de associativismo negro.

Do ponto de vista acadêmico, o interesse pela temática em específico é a consequência do meu interesse por questões relacionadas à história social e resistência negra no pós-abolição. É possível partir do conceito de história vista de baixo, cunhado pelo historiador Edward Palmer Thompson, para compreendermos que a consolidação do futebol em Porto Alegre teve também participação das camadas inferiorizadas da sociedade. Pois é de suma importância ampliarmos nossa visão, tanto quanto os estudos, dessas camadas na história, conforme Thompson alertava no decorrer do século XX, com seu foco nos trabalhadores ingleses. Nos atentamos para não realizar um estudo generalizante, pois mesmo dentro de um determinado grupo, há diferentes demandas. Logo, não pretendemos supor que toda a população negra de Porto Alegre estava atenta e dava importância à difusão do futebol. Reconhecendo a participação de parte dessa população, podemos ter uma breve dimensão de como parte dos negros portoalegrense se movimentaram, construíram suas próprias histórias e se tornaram agentes históricos importantes no sentido da consolidação do esporte na cidade.

Tal abordagem que será desenvolvida nasceu também, e talvez principalmente, de um interesse pessoal por questões ligadas ao protagonismo negro na história do Rio Grande do Sul que já vem desde antes do ingresso à universidade. Antes de entrar nesse espaço, fui aluno de um curso pré-vestibular chamado Resgate Popular (projeto destinado ao ingresso de alunos de baixa renda na universidade) no qual pude ter contato a certas temáticas pouco abordadas no ensino escolar que tive. Dentro de tantas que naquele momento para mim eram novidade, a questão do outro lado da chamada Revolução Farroupilha, a participação dos lanceiros negros naquele momento, o questionamento de personagens históricos do Rio Grande do Sul – como Bento Gonçalves por exemplo, que sempre foi uma figura presente no meu imaginário quando pensava sobre personagens da história do Rio Grande do Sul.

Chegar nesse tema de pesquisa foi um longo processo. Inicialmente, a intenção era trabalhar com processos crimes movidos por escravizados ilegais que buscavam na justiça sua condição de liberdade frente à dinâmica do tráfico clandestino de pessoas negras no estado do Rio Grande do Sul. No entanto, o início da pandemia causado pelo coronavírus dificultou muito as coisas, pois meu objetivo era utilizar o acervo do Arquivo Público do Rio

Grande do Sul – APERS – como fonte. A instituição, assim como a esmagadora maioria das outras instituições e empresas, fechou as portas por um certo período. Nesse meio tempo comecei a realizar uma cadeira com a professora Fernanda Oliveira, onde suas aulas me despertaram um interesse maior pelo pós-abolição e pela perspectiva de associativismo negro. Então, como já havia lido referenciais sobre a construção do futebol durante a graduação, em especial os trabalhos de Mascarenhas¹ e do professor Guazzelli², decidi colocar meu time em campo a fim de trabalhar com essa temática para realizar o presente trabalho.

Outro fator decisivo e pessoal que me levou até essa temática do projeto, foi ter contato durante a minha jornada acadêmica até aqui com trabalhos bibliográficos de pessoas que buscavam combater o apagamento e o não reconhecimento de figuras históricas negras na construção da história do Rio Grande do Sul. Me refiro aqui, em específico, ao maravilhoso livro intitulado “Pessoas comuns, histórias incríveis: a construção da liberdade na sociedade sul-rio-grandense”³ produzidos por uma gama de historiadores e historiadoras com objetivo de contar a história do Rio Grande do Sul, não através de nomes como Bento Gonçalves, mas através de experiências de pessoas negras que buscaram resistir ao contexto de escravização e pós-escravização. Esse livro se relaciona à minha temática à medida que serve de inspiração para tratar do desenvolvimento e constituição do esporte na sociedade gaúcha a partir da participação negra. Nessa perspectiva, se engloba tanto os jogadores negros que adentraram nas ligas oficiais, quanto ligas negras que foram criadas à época como um contra-ataque à segregação.

Aliado a essas questões, outros fatores se tornam relevantes também na minha escolha. Desde pequeno, a cultura futebolística esteve presente na minha vida. Lembro-me de meu pai me levar aos campeonatos de várzea que ele jogava no Parque Saint’Hilaire, na cidade de Viamão, e no campo do Padre Rambo, em Porto Alegre. Devo ao meu tio Régis também algumas memórias e essa afeição pelo futebol. Desde muito cedo, graças a ele, eu já sentia a energia dos estádios profissionais de futebol, seja no Beira-Rio (estádio do clube do meu coração, o Internacional) ou no Olímpico (estádio do Grêmio, arquirrival). Devo a minha

¹ MASCARENHAS, Gilmar. O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre. **Anos 90**, v. 7, n. 11, p. 144-152, 1999.

² GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. 500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da "província de chuteiras". **Anos 90**, v. 8, n. 13, p. 21-50, 2000.

³ GOMES, Luciano da C.; PERUSSATTO, Melina K.; ROSA, Marcus Vinícius de F. et al. **Pessoas comuns, histórias incríveis: a construção da liberdade na sociedade sul-rio-grandense**. Porto Alegre: Ed. UFRGS; EST Edições, 2017.

querida Vó, Maria Alda, torcedora do Sport Club Internacional, memórias quanto à paixão pelo torcer.

O campo historiográfico futebolístico tem sido cada vez mais recheado de contribuições Brasil afora. Contribuições essas possibilitadas pelo advento da história social, nos finais do século XX. Muitas são as maneiras de nos aproximarmos de certa realidade histórica. A história social possibilita novos recortes e novas perspectivas dentro do campo. Com base em Koselleck (2006), podemos definir História Social, e seu objeto, da seguinte forma:

Constituem objeto da história social a investigação das formações das sociedades ou as estruturas constitucionais, assim como as relações entre grupos, camadas e classes; ela investiga as circunstâncias nas quais ocorreram determinados eventos, focalizando as estruturas históricas de médio e longo prazo, bem como suas alterações. A história social pode ainda investigar teoremas econômicos, por força dos quais se pode questionar os eventos singulares e os desenvolvimentos políticos dos fatos. (KOSELLECK, 2006, p. 97)

Assim, além de nos colocarmos no campo de estudos do pós-abolição no Brasil, esse breve estudo se coloca no campo da História Social, em uma perspectiva de “história vista de baixo” cunhado por Thompson. Nosso objetivo com o uso de jornais é nos aproximar da realidade de parte dos negros na época e como tais se organizavam numa perspectiva de coletivo. Dentro dessa perspectiva, concordando com Thompson (1981), o conhecimento histórico é algo provisório e inacabado.

A explicação histórica não revela como a história deveria ter se processado, mas porque se processou dessa maneira, e não de outra: que o processo não é arbitrário, mas tem sua própria regularidade e racionalidade; que certos tipos de acontecimentos (políticos, econômicos, culturais) relacionaram-se, não de qualquer maneira que nos fosse agradável, mas de maneiras particulares e dentro de determinados campos de possibilidades; que certas formações sociais não obedecem a uma “lei”, nem são os “efeitos” de um teorema estrutural estático, mas se caracterizam por determinadas relações e por uma lógica particular de processo. (THOMPSON, 1981, p. 61)

O primeiro capítulo tem por objetivo demonstrar questões de suma importância para se considerar antes de adentrarmos de fato ao desenvolvimento do fenômeno futebol no Brasil. Acreditamos que para compreender o advento da novidade dentro de uma perspectiva histórica é necessário considerar todo o contexto da modernidade republicana brasileira no pós-abolição. Neste bojo, é intrínseco à isso entender o caráter excludente dessa república, compreendendo-a como uma tentativa de domínio em relação aos corpos negros livres. Esse contexto pós escravismo, como dito anteriormente, permite aos negros consolidarem novas maneiras de organização. O associativismo negro, presente já desde os tempos da escravidão,

tem um impulso e nesse momento serve como uma das formas de resistir à modernidade republicana excludente e orientar a população no sentido da educação, trabalho, lazer.

Sabemos que uma das atmosferas que movem o futebol é a paixão. Intrinsecamente ligado a isso, estão as rivalidades. A dicotomia construída historicamente em Porto Alegre nos faz crer que somente o clássico gre-nal fez parte dos grandes confrontos futebolísticos da cidade. No entanto, sua grandiosidade hoje reconhecida mundialmente, acaba, no imaginário social futebolístico, por invisibilizar a contribuição de diversos outros clubes na formação e consolidação do esporte na capital. Clubes de elite, clubes operários ou clubes negros: todos, em alguma medida, ajudaram a difundir a novidade dentro de seus espaços e a constituir o jogo na cidade. Nada seria de Internacional e Grêmio sem ter aqueles com quem rivalizar. Dessa forma, o segundo capítulo tem por objetivo mostrar a participação dos negros no desenvolvimento do futebol na cidade. Para isso, apoiado na historiografia futebolística, busca-se demonstrar a participação direta de agentes negros que atuaram em prol do recebimento e propagação da bola na cidade e a criação de clubes negros no alvorecer do futebol – esses impedidos de disputar nas ligas oficiais criaram seu próprio universo futebolístico.

O terceiro capítulo surge com o objetivo de mostrar como a imprensa negra – aqui representada pelas páginas do jornal *O Exemplo* – percebeu a novidade futebolística que já fazia parte da vida social do negro portoalegrense desde o alvorecer do século. Busca-se, de forma qualitativa, pontuar aspectos importantes que nos deem noção do desenvolvimento do esporte, tanto do ponto de vista mais amplo, quanto do ponto de vista da comunidade negra, sem necessariamente utilizar a imprensa tradicional para isso. Dessa forma, o objetivo é demonstrar o importante papel que *O Exemplo* desempenhou como agente de disseminação do futebol na cidade de Porto Alegre, buscando identificar as formas das quais as notícias eram evidenciadas e quais recortes eram utilizados.

1 Associativismo negro como resistência frente à modernidade excludente

Abordar o alvorecer do futebol no Brasil - dentro de uma perspectiva histórica - é intrínseco ter que dar conta de questões que transcendem as quatro linhas. Dessa forma, esse capítulo tem por objetivo pontuar aspectos importantes, que servirão de base, para uma compreensão sobre a construção do futebol. Para isso, realizamos um breve apanhado dos aspectos que configuram a república brasileira emergente, pontuando seu aspecto excludente em relação às camadas populares, em especial a negra. Aliado a isso, busca-se identificar as formas das quais os negros brasileiros e gaúchos se voltaram contra isso, numa perspectiva de posituação da sua identidade através do associativismo negro.

O final do império brasileiro e o início da república não significaram uma reparação histórica em favor das populações escravizadas e subalternizadas em termos de direitos e cidadania na prática. A reordenação do modelo governamental redefiniu a desigualdade social e racial. O sistema político desenvolvido na república federalista foi produzido em prol dos interesses de classe das elites agrárias que, a partir de então, assumiram o protagonismo tanto social, quanto econômico. Esse modelo foi inspirado nos Estados Unidos da América e a constituição brasileira de 1891 definiu-se pelo de caráter descentralizador. Na prática significava que cada estado teria uma autonomia própria, o que, conseqüentemente, culminou com o fortalecimento das oligarquias locais. Atendia, então, as reivindicações das elites rurais agroexportadoras. Desse modo, “cabe assinalar que nenhum proprietário de escravos, no Brasil, teve a ‘cabeça decepada’, e não houve uma mudança radical nas relações sociais, nem mesmo entre as próprias classes proprietárias”.⁴ Pelo contrário, a república acabou por preservar e ampliar os interesses e privilégios da antiga classe senhorial. Segundo Zubaran (2008),

No pós-abolição a promessa de inclusão dos afrobrasileiros no mundo dos livres foi adiada. O voto foi restrito aos brasileiros alfabetizados, significando a exclusão de grande parte dos afro-brasileiros à cidadania. A emergência do darwinismo social e a crença no determinismo biológico forneceram às elites brancas as justificativas para a discriminação racial das populações afrodescendentes, e a chegada de levas de imigrantes europeus nas grandes cidades das regiões sudeste e sul restringiu ainda mais o acesso dos afro-brasileiros à moradia e ao mercado de trabalho. (ZUBARAN, 2008, p. 168)

Segundo Albuquerque (2010), a falência do escravismo desestabilizou a ordem estruturante das relações entre os indivíduos (senhor e cativo) e destes com o Estado.

⁴ ARRUDA, 2007, p. 163.

Trazendo, como consequência, riscos às sujeições de classe e raça. Por isso, o desmonte do escravismo se alicerçou em políticas de domínio. Era necessário, por parte da elite, manter os arranjos hierárquicos. As posições políticas, assim, seriam determinadas pelo jogo político, baseados em critérios sociorraciais. Conforme Rosa (2014), esse processo foi orientado por uma ideia de raça que se aplicava nas relações sociais, onde os significados atribuídos aos tons de pele orientavam a redefinição das hierarquias e dos conflitos sociais no Brasil. Essa dinâmica, então, visava atender aos propósitos políticos de naturalização e perpetuação das desigualdades. Assim,

A noção científica de raça era a crença segundo a qual a humanidade estava naturalmente dividida e hierarquizada em grupos biológicos, portadores de especificidades e inerências morais e comportamentais imutáveis, determinadas e transmissíveis hereditariamente (ROSA, 2014, p. 12).

A partir dessa perspectiva, podemos considerar o futebol – nosso objeto de pesquisa aqui – como um marcador de modernidade. Utilizado, em seu início, para marcar lugares sociais e raciais na sociedade brasileira onde ele se difundiu. Podemos exemplificar essa ideia pelo fato de que, inicialmente, as classes populares não podiam adentrar nos clubes de futebol e no universo que estava intrínseco ao futebol. Justamente por causa dos primórdios da bola no Rio Grande do Sul que, no imaginário futebolístico rio-grandense, temos dificuldades de enxergar figuras de oposição à burguesia como importantes agentes na construção do jogo da bola.

Para compreendermos os primórdios da bola em Porto Alegre é necessário, também, compreendermos a modernidade urbana que foi buscada na cidade. O alvorecer da república, trouxe em sua gênese a tentativa de exclusão das classes inferiorizadas de espaços de sociabilidades e da participação das novidades que se implementavam no período. Combinado a isso houve uma intensa industrialização e crescimento urbano “fruto do desenvolvimento da rede de transportes e de infraestrutura, mas principalmente da transferência do capital acumulado no comércio da zona colonial para o ramo fabril, acompanhado por uma nova onda de imigração europeia e por um fluxo populacional do interior para Porto Alegre”.⁵ Podemos afirmar que essa orientação para a modernidade teve como base a adoção de um racismo científico e, também, de um ideal de higienismo – que emergiram no final do século XIX da Europa. Essas perspectivas visavam pautar as relações entre os grupos étnicos da cidade e, por consequência, determinar lugares.

⁵ STÉDILE, 2011, p. 13.

A eugenia foi um conjunto de práticas e ideias vindas da Europa e relativas ao “melhoramento da raça humana”. No Brasil, ganhou notoriedade nas primeiras décadas do século XX, “pois seus pressupostos forneciam uma explicação para a situação do País (que seria de um “atraso”) e, ao mesmo tempo, indicava o caminho para a superação dessa situação”.⁶ Essa ideologia baseada no determinismo racial foi adotada por intelectuais brasileiros da época na tentativa de impô-las a nível de políticas públicas que legitimassem a exclusão e segregação dos negros na sociedade republicana brasileira. Conforme Maciel (1999),

Numa sociedade fortemente hierarquizada como a brasileira, onde, dentro da perspectiva de hierarquia racial, o branco europeu era considerado como sendo o “civilizado e superior”, os indígenas e os negros como “selvagens, primitivos e inferiores” e os mestiços “degenerados”, surgiram projetos de “salvação nacional” via o “amelhoramento da raça”, ou seja, a eugenia. Não foi essa que criou a discriminação e o racismo, esses já existiam, mas ela, a partir de critérios pseudocientíficos, tornou-se um projeto político que previa a implantação de medidas excludentes e segregacionistas (MACIEL, 1999, p. 126)

Segundo Mascarenhas (1999), a incorporação de novos hábitos sociais – como os esportes – fizeram parte de um desejo de modernização do ambiente urbano, algo que não era típico da sociedade riograndense. Esse era um objetivo da sociedade brasileira como um todo. Dessa forma, muitos costumes, práticas e teorias adentraram no país vindas da Europa, considerada o grande centro civilizador. Aliado a isso, o crescimento urbano significava, além de tudo, uma redefinição da imagem da cidade de Porto Alegre. Assim, a rua volta a ganhar importância. Ela recebe a condição de “terreno do espetáculo” onde a burguesia desfilava seus novos estilos e hábitos de sociabilidade. Nessa rua “o elemento negro é indesejável, devendo, sempre que “dispensado” do trabalho, refugiar-se em enclaves étnicos como a Colônia Africana, o Areal da Baronesa e a Ilhota”.⁷ Então “Disciplina, higiene e monumentalidade são alguns dos novos atributos desejáveis aos espaços públicos de uma cidade que se quer *moderna e civilizada*”.⁸

Marcus Rosa (2014) observa que o centro da cidade, nesse momento de alvorecer da república, passa a ser visto por administradores públicos, urbanistas e uma gama de jornalistas como um local onde deveriam emanar comportamentos, estilos de vida, exemplos e paradigmas de modernidade, progresso e civilidade, compreendidos como valores “universais” que vinham da Europa.⁹

⁶ MACIEL, 1999, p. 121.

⁷ MASCARENHAS, 1999, p. 47.

⁸ MASCARENHAS, 2001, p.228.

⁹ ROSA, 2014, p. 179.

Dessa forma, "a cidade moderna contribuiu para a popularização do futebol, mas também transformou-o em mercadoria, propiciando o grande fenômeno de massas, que de alguma forma integra a sociedade burocrática de consumo programado".¹⁰ Seguindo nessa linha,

O esporte ocupa lugar neste discurso, seja como justificativa para as atividades de sociabilidade da elite, seja enaltecendo suas propriedades higienistas, como distinção em relação às classes populares ou ainda como método de correção de uma suposta inferioridade física que a miscigenação condenara o país. (STÉDILE, 2011, p.13)

Podemos verificar diante desse contexto de arranjos hierárquicos com o advento da república que as populações desprivilegiadas, em especial a negra, se encontravam em situação de vulnerabilidade, mesmo numa condição de liberdade. Isso, também, por causa de novos estigmas que os corpos negros receberam. Em lugar da positividade do escravo manso, fiel e laborioso, o estigma da preguiça e da indolência.

Diante de todo esse cenário de modernização e introdução de novos hábitos sociais podemos observar ainda que os mesmos estratos sociais marginalizados pela burguesia também criaram o seu próprio universo de sociabilidades. Pois, afinal de contas, tanto brancos empobrecidos, quanto a população negra, não visavam subverter a república, mas sim, tomá-la para si, reproduzindo práticas de sociabilidades que marcaram a modernidade republicana brasileira e as reconstruíram e ressignificaram em seus espaços possíveis. O Principal exemplo disso, em relação ao futebol de Porto Alegre, talvez tenha sido a *Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense*, conhecida popularmente como Liga da Canela Preta (do qual iremos explorar mais para frente), que no alvorecer da década de 1920 reuniu times negros que não podiam participar das principais ligas da cidade.

Acreditamos que seja possível combater a versão oficial da difusão do esporte em solo brasileiro que coloca somente personagens brancos e de elite como os agentes dessa difusão do esporte. Silva (2006) sugere que a construção do esporte em território brasileiro passou por diversas mãos. Ou pés, melhor dizendo. A versão mais oficial que conhecemos é que os jovens de elite Charles Miller e Oscar Cox trouxeram o esporte para São Paulo, em 1894, e para o Rio de Janeiro, em 1897, respectivamente, sendo ambos conhecidos popularmente como heróis fundadores do futebol brasileiro. Além da reconhecida participação da elite nesse processo, padres e jesuítas estiveram também "atentos para as necessidades físicas de seus alunos, incentivando o futebol como parte da "educação física" dos rapazes fluminenses e gaúchos, antes de Miller e Cox trazerem o esporte "regrado" para o

¹⁰ MASCARENHAS, 2001, p. 35.

país”.¹¹ Ainda dentro de uma perspectiva de não exclusividade dos jovens de elite, sugere também, que garotos pobres, escravizados e forros viam, e copiavam no possível, os marinheiros ingleses que praticavam o futebol nos quarteirões dos portos do Rio de Janeiro.

A invisibilização da importante participação negra no processo de difusão do esporte em Porto Alegre – assim como no restante do estado – é consequência de um problema mais amplo. A história *tradicional* do Rio Grande do Sul, seus símbolos e representações ainda possuem um considerável potencial para nos empurrar à armadilha de que nesse estado não há contribuição negra e indígena em sua constituição. A invisibilidade do negro, em específico, no Rio Grande do Sul, foi um projeto de sociedade criado no final do século XIX que visava a valorização das “tradições” gaúchas e da cultura europeia na formação do estado. “A imagem de uma província branca – portanto, racializada – não era novidade no final do século XIX, mas foi reabilitada naquele momento, tanto por bacharéis comprometidos com o fim da monarquia e da escravidão quanto por administradores públicos.”¹²

De acordo com Rosa (2014), esta problemática se insere em um contexto de debates sobre as consequências do fim do escravismo, onde o branqueamento da província e o abrandamento das relações senhoriais estavam comprometidas com o propósito de dominação política e homogeneização social, conforme alertamos sobre o caráter da república. Isso acaba por denunciar “a persistência de certas formas interpretativas que, se em algum momento integraram o senso comum, encontraram desdobramentos igualmente persistentes na historiografia”.¹³ Assim,

Escrever uma história da invisibilidade negra e, por conseguinte, sobre a formação da identidade gaúcha, não é algo que se possa fazer de forma desvinculada dos debates mais amplos sobre a formação identitária do Brasil e dos brasileiros. O Rio Grande do Sul – do clima frio, das paisagens rurais, dos imigrantes europeus e da escravidão cordial – era um contraponto ao Brasil – do clima quente, das paisagens tropicais, da miscigenação e da escravidão brutal. Justamente porque essas duas identidades, a regional e a nacional, se constituíram por meio de constantes antagonismos, é possível afirmar que elas estavam intimamente relacionadas. As predileções e recusas dos administradores públicos por determinadas nacionalidades em detrimento de outras eram relevantes, porque integravam e condicionavam projetos de desenvolvimento político e econômico regional ou nacional, sendo possível escrever uma história dessas preferências, seus embates e suas derrotas (ROSA, 2014, p. 33)

O Rio Grande do Sul recebeu uma forte imigração europeia no decorrer do século XIX e, principalmente, na virada do século. Geralmente, inclusive, acreditamos que esse foi

¹¹ SILVA, 2006, p. 27.

¹² ROSA, 2014, p. 32.

¹³ ROSA, 2014, p. 30.

um processo iniciado somente na virada para o século XX, mas “o desejo de branqueamento surgiu muito cedo entre os administradores e burocratas do império, e estava vinculado ao debate sobre as indesejáveis consequências políticas e econômicas do fim do tráfico e da escravidão desde as primeiras décadas dos Oitocentos”¹⁴. Sobre as imigrações,

Entre 1872 e 1890, a população da Província dobrou, passando de 447 000 habitantes para 870 000. O aumento provinha, em parte, da imigração; ao todo, em torno de 60 000 imigrantes, a maioria dos quais vindos da Alemanha e da Itália, estabeleceram-se na Província entre 1847 e 1889. Em 1891, o ano máximo da imigração em todo o século, 20 739 imigrantes entraram no Rio Grande do Sul. (FAORO, 1899, apud, LOVE, 1982, p. 44)

Podemos verificar que a invisibilização da população negra e sua contribuição pouco reconhecida na constituição do estado do Rio Grande do Sul se deve também à questão das fontes do período pós-abolição. Isso porque “uma das formas para apagar a presença da população negra na história do Brasil foi tornar invisível a sua identificação nos documentos, principalmente depois da abolição”.¹⁵ Com isso, muitas das possíveis histórias particulares ou coletivas acabaram por se perder ao longo do tempo. No entanto, a historiografia do pós-abolição no Rio Grande do Sul tem se empenhado para desvelar certas histórias. O livro “Pessoas comuns, Histórias incríveis: a construção da liberdade na sociedade sul-rio-grandense” exemplifica esses esforços. O principal objetivo da obra é trazer ao público uma cronologia da história do Rio Grande do Sul através de histórias de pessoas negras, escravizadas, libertas ou livres.¹⁶

Dessa forma, ter a presença dos negros na constituição daquela que estava se tornando uma das principais práticas da elite – o futebol – significaria um perigo à ordem constituída através das narrativas oficiais. Foi nessas bases que se difundiram a bola na cidade de Porto Alegre.

Antes de mais nada, para compreendermos os significados que o futebol assumiu para parte da população negra de Porto Alegre, é preciso entendê-lo como algo em meio a uma grande realidade de sociabilidades e movimentos negros no pós-abolição. Em tempo, cabe reforçar que a vida associativa das pessoas negras não começou com o pós-abolição. Mesmo imersos no regime escravista, desenvolveram redes e construíram laços de apoio entre si. Mas com o fim do regime de escravidão, contudo, puderam se organizar de formas diferentes. Conforme enfatiza Domingues (2020),

¹⁴ ROSA, 2014, p. 31.

¹⁵ SANTOS, 2018, p. 63.

¹⁶ GOMES, Luciano da C.; PERUSSATTO, Melina K.; ROSA, Marcus Vinícius de F. *et al.* Pessoas comuns, histórias incríveis: a construção da liberdade na sociedade sul-rio-grandense. Porto Alegre: Ed. UFRGS; EST Edições, 2017.

Mesmo durante a escravidão, os africanos e os afro-brasileiros encontraram maneiras de se reunirem com seus pares e formarem, sejam sociedades de ajuda mútua e irmandades leigas católicas, que existiam desde o período colonial, sejam jornais dos “homens de cor”, grupos de capoeiras e espaços de religiosidade afro-diaspórica (terreiros de diferentes nações de candomblé), que remontam ao período do Império. Todas essas associações voluntárias tinham como finalidade satisfazer as necessidades econômicas, culturais, religiosas e humanas de uma população que vivia em condições adversas (DOMINGUES, 2020, p. 1)

Seguinte nessa linha, segundo Pinto (2016),

Foi da interação com o meio social e da manutenção de práticas culturais específicas que homens e mulheres de cor, como qualquer outro grupo humano, ao longo da vida e não só após a abolição, forjaram seus entendimentos sobre família, trabalho, lazer, relações de poder, sonharam e buscaram alcançar seus anseios. (PINTO, 2016, p.23)

O associativismo negro no pós-abolição se estruturou “por meio de existência de um quadro administrativo regularmente eleito, abrangendo uma série de cargos, como presidente, secretário, tesoureiro, fiscal, diretor”.¹⁷ No entanto, cada associação que ia surgindo no pós-abolição tinha sua finalidade específica – mas isso não significava que elas não estendiam suas atividades para além das suas específicas – e mantinham certa relação entre si, trocando experiências e mantendo diálogos constantes. Eram extremamente variadas. Podemos observar que foram criadas confrarias católicas, associações beneficentes, associações que atuavam no campo cultural e no campo desportivos. O Rio Grande do Sul, inclusive, foi a região que mais teve clubes e associações negras no pós-abolição. Todas essas associações, considerando suas características próprias, tinham em vista a “positivação da identidade negra” e “os clubes prescreviam um conjunto de normas de civilidade e concentravam energias na formação cultural de seus sócios”.¹⁸

Conforme Domingues (2007), ao analisar a primeira fase do movimento negro brasileiro, muitas organizações Brasil a fora foram se constituindo com objetivo de reverter a exclusão dos negros na sociedade.

Em São Paulo, apareceram o Club 13 de Maio dos Homens Pretos (1902), o Centro Literário dos Homens de Cor (1903), a Sociedade Propugnadora 13 de Maio (1906), o Centro Cultural Henrique Dias (1908), a Sociedade União Cívica dos Homens de Cor (1915), a Associação Protetora dos Brasileiros Pretos (1917); no Rio de Janeiro, o Centro da Federação dos Homens de Cor;6 em Pelotas/ RG, a Sociedade Progresso da Raça Africana (1891); em Lages/SC, o Centro Cívico Cruz e Souza (1918). Em São Paulo, a agremiação negra mais antiga desse período foi o Clube 28 de Setembro, constituído em 1897. As maiores delas foram o Grupo Dramático e Recreativo Kosmos e o Centro Cívico Palmares, fundados em 1908 e 1926, respectivamente. De cunho eminentemente assistencialista, recreativo e/ou cultural,

¹⁷ DOMINGUES, 2020, p.23.

¹⁸ DOMINGUES, 2020, p.30.

as associações negras conseguiam agregar um número não desprezível de “homens de cor”, como se dizia na época. (DOMINGUES, 2007, p. 103)

Como vimos, a extensa rede de sociabilidade negra no pós-abolição atuou em diversas frentes e “uma das atividades mais marcantes do associativismo negro foi a publicação de periódicos dedicados à afirmação racial, no campo dos direitos e da cidadania”.¹⁹ “Para um dos principais dirigentes negros da época, José Correia Leite, “a comunidade negra tinha necessidade de uma imprensa alternativa”, que transmitisse “informações que não se obtinha em outra parte”.²⁰

Um grande jornal de circulação em Porto Alegre no emergente século XX foi o jornal “*O Exemplo*”. O jornal foi fundado em 11 de dezembro de 1892 por jovens negros que se reuniam em uma barbearia (o Salão Calisto) na Rua dos Andradas, centro de Porto Alegre, e se manteve, com algumas interrupções, até 1930. Dentre seus colaboradores iniciais estavam Aurélio Viríssimo de Bittencourt, que mais tarde será uma importante figura negra que recebeu o futebol em Porto Alegre, e Calisto Felizardo de Araújo.

De acordo com Zurbaran (2016), o acervo dos jornais *O Exemplo* constitui um patrimônio cultural afrodescendente. Isso porque “suas coleções são testemunhos de inestimável valor histórico e cultural para a preservação e valorização das memórias, da história e da cultura dos afro-brasileiros, assim como para a construção de subjetividades e identidades negras”.²¹

Em uma edição do ano de 1910 podemos percebermos que o jornal tinha objetivos definidos e um público do qual prioritariamente seria seu público-alvo. Além de tecer um posicionamento acerca de como gostariam que os negros fossem vistos no Brasil: como cidadãos pertencentes à nação.

Fazemos compreender aos que não nos compreendem, por motivos que já sabemos, que *O Exemplo* tem por objecto a educação, o incitamento, ao estudo dos brasileiros que nunca tiveram a felicidade de cultivar, ao menos rudimentarissimamente, o espirito, por falta de tempo e de meio; [...]

O Exemplo defendendo com ardor e criterio, a perseguida raça negra tão digna de amparos. Porque é preciso que se compreenda: no Brazil não há mais raça negra; esta já se fundiu no cadinho das racções etnograficas.

Representaria o papel, que representaram os illusionarios da alchimia, aquelle que quizesse achar no meio do povo brasileiros um cantão da etíope.

Sim nós todos brasileiros, nobres e plebeus, somos descendentes de africanos, do mesmo modo que o somos do portuguez e do tupinambá ou do feroz cariço. Não queremos ficar numa posição dubia no selo da maternidade brasileira, devido à mais interpretações. (O EXEMPLO, 16 de janeiro de 1910)

¹⁹ DOMINGUES, 2020, p. 33.

²⁰ DOMINGUES, 2006, p. 104.

²¹ ZUBARAN, 2016, p. 8.

O jornal teve alguns períodos de interrupções. Podemos observar, segundo proposição de Zubaran (2016), quatro fases. A primeira de 1892 a 1897, onde os assuntos eram quase que “exclusivamente vinculado à comunidade negra, denunciando o preconceito étnico-racial, registrando as atividades sociais e culturais da comunidade negra, pregando a moralização de costumes e as vantagens da educação”²² A Segunda fase do jornal – de 1902 a 1905 – muda um pouco suas características e, inclusive, passa a se autodenominar “Jornal do povo”. Essa estratégia editorial serviu para “obter mais leitores e não ser visto e identificado como um jornal específico dos negro”.²³ A Perspectiva política dos redatores era que “estavam construindo um “lugar” para o negro no Brasil a partir de dentro da história do país”²⁴ e que estavam contribuindo para a construção da nação e que constituíam o povo brasileiro. Logo, não havia no periódico uma estratégia de cunho separatista. É uma fase, então, que o jornal se abre para assuntos relativos não somente aos negros e, também, uma fase em que há uma ligação com lideranças operárias. Zurbaran (2016) explica que essa mudança pode ser explicada pela necessidade de ampliação do público leitor e pelas necessidades financeiras, tendo em vista que os recursos para manter o jornal vinham da sua venda e assinaturas apenas. A terceira fase se localiza no período entre 1908 e 1911, onde se registra as primeiras notícias sobre futebol, por exemplo. A quarta e última fase remonta ao período entre os anos 1916 e 1930, sendo esse o período mais longo que o jornal circulou. Esse é um período chamado de ressurgimento do periódico, caracterizado pela contribuição, a partir de 1920, de colaboradores brancos.²⁵

Para além dessas questões, o jornal se tornou essencial como fonte, pois fornece pistas sobre os sentidos de liberdade. Segundo Pinto (2016), podemos verificar que os intelectuais negros que escreviam no jornal em hipótese alguma queriam negar sua negritude para se sentirem cidadãos. Pelo contrário, a afirmação identitária, como já vimos, era uma das premissas daqueles intelectuais. Conforme afirma, é necessário estar atento ao fato de que aqueles jornalistas negros reivindicavam o respeito à sua humanidade e evidenciavam o quão frágil se mostrava alguns preceitos da democracia moderna.

Como fonte nos possibilita evidenciar algumas questões sobre as preocupações e as formas pelas quais a população negra porto-alegrense buscava se movimentar.

²² ZUBARAN, 2016, p.10.

²³ SANTOS, 2011,p. 112.

²⁴ SANTOS, 2011,p. 112.

²⁵ Há um debate historiográfico importante sobre a questão das fases do jornal. Uma perspectiva mais recente de Perussatto (2018) nos sugere que houveram apenas três fases: a primeira de 1892 a 1897, a segunda de 1902 a 1911 e a última de 1916 a 1930.

Por causa da luta pela cidadania em uma sociedade livre da divisão social e jurídica escravista, inúmeros grupos e pessoas negras tiveram de se organizar para reivindicar direitos, tais como: o direito de receber instrução, o direito à moradia, o direito a condições de trabalho decentes, o direito ao lazer, o direito a produzir e expressa cultura”. (GOMES, et. al, , 2017.p.64).

No entanto, “*O Exemplo*” fazia parte de uma realidade maior. Segundo Rosa (2014), entre as décadas de 1890 e 1930 surgiram diversos pasquins com características bastante semelhantes por várias localidades do Rio Grande do Sul. Todos eles, conforme colocado, “reivindicavam igualdade de tratamento, denunciavam o preconceito racial, propunham soluções para a inserção social dos filhos e netos de africanos e exigiram o direito ao lazer, ao trabalho, à educação e ao exercício da religiosidade.”²⁶

Com base em Santos (2011) podemos perceber que a imprensa negra se espalhou por todos os cantos do estado. Em Santana do Livramento tivemos *A Navalha - “Órgão Crítico e Noticioso”*, em Cachoeira do Sul *O Astro - “Órgão Crítico, Humorístico e Literário”*, em Bagé *A Liberdade - “Verdade, Direito, Justiça”*, em Santa Maria *O Succo - “Órgão Crítico, Humorístico e Noticioso”*, em Rio Grande *A Hora - “Hebdomadário Literário, Noticioso e Crítico”* e em Porto Alegre, além de “*O Exemplo*”, houve também *A Tesoura - “Crítico, Humorístico e Noticioso”*. Sugere que podemos definir cinco características que formam um jornal da imprensa negra: deveria ser mantido por pessoas que se auto-identificavam como negras; o público alvo, preferencialmente, deveria ser os negros; como um jornal negro, deveria trazer assuntos pertinente à comunidade; os redatores mantinham contato com outros periódicos da mesma origem pelo estado; eram divulgados pelos jornais de maior circulação. No entanto, não podemos considerar como algo estritamente homogêneo, pois haviam seus pontos de distinções.

Cada jornal tinha seus elementos diferenciadores e características próprias, eram produzidos por pessoas com interesses distintos em locais e lugares diversos, e tinham objetivos e públicos variados. No entanto, as linhas editoriais dos jornais pautavam-se pela crítica aos comportamentos de alguns negros e aos costumes preconceituosos das cidades em que circulavam, bem como pela divulgação das notícias à população negra gaúcha (SANTOS, 2011, p.109)

Cabe ressaltar que no final do século XIX e início do XX ocorreu uma modernização da imprensa em âmbito geral. Essa atividade passou a se tornar tão importante quanto o trabalho de um escritor, por exemplo. Conforme Santos (2011), o crescimento populacional das cidades refletiu na diversidade dos interesses sociais e políticos que se cristalizaram nas

²⁶ ROSA, 2014, p. 236.

orientações editoriais dos periódicos depois da Abolição e da Proclamação da República. Com isso,

A inserção de outros personagens no meio urbano (operários, imigrantes e negros livres), a criação e a difusão de novos hábitos e necessidades e a absorção de ideologias (positivismo, socialismo, anarquismo) demandavam o aumento progressivo dos jornais e revistas no final do século XIX. A crítica social e o debate político, naqueles anos que anunciaram e precederam àquelas efemérides, intensificou-se com as publicações humorísticas, operárias e ilustradas que consolidaram e modernizaram o jornalismo no Rio Grande do Sul. (SANTOS, 2011, p. 96)

Dessa maneira, “os homens de letras” conforme os intelectuais se definiam naquela época, acreditavam estar imbuídos de uma missão pedagógica, civilizadora, e desejavam contribuir para incorporar à sociedade as camadas marginalizadas, vistas como perigosas ou ameaçadoras ao progresso”.²⁷

O jornal, nesse contexto, significava um dos símbolos da civilidade moderna e os redatores do *O Exemplo* não deixaram de perceber o grande poder de transformação social que os jornais poderiam representar. Consideravam que dentre as criações da humanidade, a imprensa ocupava um lugar primordial, pois “ella, que amensalando o instinto dos selvagens, tranforma-o: educa os adolescentes e illustra a juventude”²⁸. Além disso, ao falarem daqueles que escreviam, esses tinham inúmeras responsabilidades e suas ações deveriam se pautar sempre pelo benefício da coletividade. Ao valorizarem o papel que *O Exemplo* estava desempenhando ao longo dos últimos anos:

Que importa que ainda nao fosse bem entendida as intenção desta pedaço da imprensa, por aqueles a quem elle serve? Talvez seja ainda cedo, para que os que necessitam de uma vez pela palavras escripta, conhecerem da necessidade da mesma. Mas, dos dois lustres percorridos de sua existencia, ai bem que com algumas interrupções, depreende-se que a acção de Exemplo não tem sido de todo inutil, porém torna-se imprescindível para o completo desempenho de seu programa que àquelles a quem elle se propõe a propugnar pelos seus interesses o amaparem e o conduzam à meta almejada, porque assim exige e evoluir da sociedade. E, são estes os votos que fazemos pela prosperidade do Exemplo ao encetar o seu anno de publicidade. (O EXEMPLO, 5 de outubro de 1910)

Dessa forma, consideramos aqui o *O Exemplo* um importante meio do qual as informações sobre as questões que eram pertinentes à comunidade negra eram divulgadas. Entre elas, o futebol: uma prática elitizada em seus primórdios em Porto Alegre, mas que, paulatinamente, foi sendo incorporada aos hábitos de parte da população negra e das outras camadas populares da cidade.

²⁷ SANTOS, 2011, p. 114.

²⁸ O Exemplo, 15 de outubro de 1910.

Assim, a construção do novo regime político se consolidou com base na ideia de nação moderna que deveria afastar-se do passado escravista, amparando-se em ideias do racismo científico. Conforme coloca Silva; Xavier (2019) esse conjunto de fatores pesou a favor dos imigrantes e contra os afrodescendentes, o que certamente contribuiu para a mobilização associacionista negra. O ativismo pós-abolição, então, se nutriu desse contexto em prol da defesa das demandas e do território negro no Rio Grande do Sul.²⁹

²⁹ SILVA; XAVIER, 2019, p. 6-7.

2 Participação negra no alvorecer do futebol em Porto Alegre

O futebol no Brasil emerge em um contexto de novos hábitos trazidos de fora. Ele, num primeiro momento, serviu para abastecer a necessidade da burguesia brasileira de modernizar a nação e praticar costumes que eram comuns na Europa. Entretanto, paulatinamente foi difundido, apropriado e ressignificado pelas classes populares. O objetivo deste capítulo é pontuar como se deu essa apropriação do esporte por parte da população negra da cidade de Porto Alegre (1907-1921) e os significados intrínsecos que ele assumiu. Para tanto, será feito um breve apanhado acerca da difusão planetária do esporte, sua chegada e difusão no estado do Rio Grande do Sul, buscando identificar os principais agentes da construção do esporte na capital.

Com base em Santos (2018) podemos observar que a prática assumiu funções que transcenderam a questão meramente esportiva. Primeiro, o futebol atuou como uma forma de educação dos corpos das elites, sendo isso uma estratégia para fortalecer os músculos e os ossos dos filhos da elite. A valorização da cultura física era uma das características das sociedades modernas europeias. Dessa forma, o esporte seria uma resposta ao sedentarismo. Podemos concluir que isso representaria a dinâmica da sociedade capitalista. Segundo, serviria também para controle dos trabalhadores, à medida que organizava o povo que trabalhava nas fábricas, tornando-os saudáveis e submissos para as tarefas pesadas e rotineiras. Nascido no berço da revolução industrial, o futebol repete diversos aspectos do mundo fabril, como: o trabalho em equipe, o individualismo, a hierarquia, o tempo. Assim

Ao mesmo tempo, reproduzia uma nova organização social do trabalho, através de disciplina - pela fixação das regras, do controle do tempo e da hierarquia - da especialização das funções e do trabalho coletivo, em contraposição à forma artesanal do trabalho; da quantificação dos resultados e da competitividade (STÉDILE, 2011, p. 10)

Sendo assim, se torna necessário compreender o futebol nas suas múltiplas facetas: ao mesmo tempo que se tornou uma rede de sociabilidade da população porto-alegrense, atuou, com o passar dos anos, também, como um instrumento para controle do tempo de lazer dos trabalhadores.

O desenvolvimento do futebol em nível planetário está estritamente ligado ao avanço do capitalismo e do imperialismo inglês. Originado na segunda metade do século XIX na Inglaterra - berço da industrialização -, a prática que inicialmente foi difundida entre a classe de operários ingleses, com o tempo passou a se tornar uma prática e produto de exportação da

burguesia inglesa. Sua difusão planetária está ligada também a um contexto de valorização do corpo e das práticas esportivas no geral. De acordo com Mascarenhas (2001) muitos esportes foram criados, ao passo que outros tantos foram adaptados à modernidade, oriundos de práticas lúdicas de origem muito remota.³⁰

O futebol, como conhecemos hoje, é resultado de diversas codificações próprias de distintas regiões da Inglaterra. Mascarenhas (2001) explica que as redes ferroviárias tiveram papel fundamental para o desenvolvimento do futebol à medida que interligou estas distintas regiões possibilitando, assim, uma certa unificação de regras, em 1863, na cidade de Londres, onde

Finalmente ficou estabelecido que todos os “localismos” seriam respeitados, e que estava sendo criada uma nova forma de *football*, que “politicamente” mesclaria regras provenientes de diferentes localidades. E que se chamaria *association football*, isto é, seria oficialmente destinado ao campeonato nacional, aquele que associa todas as localidades numa única competição organizada pela “associação” ou liga nacional, denominada *Football Association* (MASCARENHAS, 2001, p. 20).

É a partir de uma certa unificação e de um regramento que o esporte passa a ser um produto de exportação do capitalismo inglês, mas que se difunde primeiro na própria Europa.³¹

Os significados que nele continham iam além de um simples jogo de bola. Sem dúvida alguma, o sucesso do futebol desde seus primórdios está relacionado a um contexto em que se formavam novos espaços de sociabilidade e crescia a necessidade, por parte da população, de ampliar seu convívio social. Mesmo se tornando um produto de exportação do capitalismo inglês, para a classe de operariado inglês o futebol assumiu um importante significado.

Apesar de separados por todas as barreiras possíveis e imagináveis, trabalho e lazer se complementavam, não sendo poucos aqueles que viam o último como uma compensação para os sacrifícios que o primeiro impunha. Neste sentido, o futebol - por sua capacidade de representar mimeticamente as experiências do dia a dia - acabava por estabelecer uma ocasião em que pulsões e emoções podiam assumir um efeito catártico e libertador, representando um espaço autorizado para quase todas as formas de extravasamento, assumindo, nas palavras de Eric Hobsbawn, o papel de uma religião profana do universo do proletariado. (AGOSTINO, 2002, p. 23-24).

³⁰ Na antiga Grécia, os esportes se realizavam em um amplo cerimonial de beleza física e sacrifício. No âmbito dos jogos populares, praticados sobretudo do século XII ao XIX, as práticas abrangiam um amplo leque de formatos de grande variação regional, onde a informalidade imperava: regras frouxas ou incertas; indiferenciação entre atleta e espectador; localização improvisada etc. Os esportes modernos, ao contrário, apresentam grande estrutura jurídico-organizacional, gestão burocrática, estatuto internacional, regras codificadas e minuciosas, aperfeiçoamento constante dos atletas em busca de *records*, e realiza-se em espaços especificamente elaborados para tal, com mediações e formas precisas” MASCARENHAS, 2001, p. 19.

³¹ Segundo Agostino (2002), País de Gales, Escócia e Irlanda criaram suas próprias associações já na década de 1870, após a unificação inglesa.

Embora sendo um produto de exportação do capitalismo inglês, muitos foram os agentes responsáveis pela difusão planetária da bola. Conforme Agostino:

Comerciantes, engenheiros de estradas de ferro, instaladores de linhas de telégrafo, estudantes ou educadores, marinheiros ou soldados, todos eram jogadores em potencial, fazendo demonstrações do jogo em cidades portuárias (Hamburgo, Gênova, Rio de Janeiro, Buenos Aires), centros econômicos (Paris, Milão, Viena) ou qualquer outra área onde a modernidade se fazia sentir, incluindo zonas de litígio entre as potências capitalistas. Foi este último, por exemplo, o sentido da difusão do futebol na África do Sul em finais do século XIX. (AGOSTINO, 2002 p. 24)

Assim, "de forma geral, pode-se afirmar que a difusão do futebol, apesar de manter o fio comum com os interesses do capitalismo, acabou assumindo caminhos bastantes diversos".³² Cada local de recebimento dessa novidade na América, por exemplo, tem suas especificidades. No Brasil, a difusão do futebol, assim como outros esportes, obedeceu a uma lógica contrária em relação ao seu surgimento na Inglaterra: chegou como algo estritamente elitizado e, conseqüentemente, para as elites, somente sendo apropriado pelas classes populares posteriormente. A prática futebolística fazia parte de uma gama de novidades que eram incorporadas à realidade brasileira, agora republicana e não mais escravista.

Mascarenhas (2001) observa que há no Brasil, diferentemente de outras regiões da América, um quadro peculiar sobre a adoção do esporte. Isso porque existiam vários portos distantes entre si e a dispersão espacial dos investimentos ingleses pelo território nacional conformam essa especificidade. Dessa forma, segundo o autor, é difícil localizar com exatidão onde a bola começou a correr primeiro em território nacional, pois existiam muitos portos comerciais. "Verifica-se portanto um caso atípico, no qual o futebol penetra no território nacional quase simultaneamente por vários pontos desconectados entre si".³³

O "marco inicial" da historiografia futebolística porto-alegrense remonta ao ano de 1903 como o pontapé inicial do esporte na capital. Isso devido à excursão realizada pelo Sport Club Rio Grande – considerado o primeiro time de futebol do país – à Porto Alegre para uma série de partidas e, também, para a divulgação da novidade.³⁴ Na época, os grêmios esportivos da capital quiseram conhecer esse novo esporte e convidaram, então, o pioneiro Sport Club Rio Grande para se apresentar na capital. Este clube possui uma grande relevância

³² AGOSTINO, 2002, p. 25.

³³ MASCARENHAS, 2001, p. 46.

³⁴ Outras agremiações podem ter surgido antes do Sport Club Rio Grande. "Segundo Thomaz Mazzoni (1950), são eles o São Paulo Athletic Club (de ingleses, 1895), o Sport Club Internacional (multi-étnico, 1899), o Sport Club Germânia (de alemães, 1899 e a Associação Atlética Mackenzie College (1898), considerada o primeiro clube de futebol criado por e para brasileiros, estudantes no homônimo colégio norte-americano. Todos fundados na cidade de São Paulo, sendo o São Paulo Athletic um antigo clube de cricket (de 1886) que adotou o futebol em 1895." (MASCARENHAS, 2001, p. 31)

histórica, pois, além de ser o mais longevo clube brasileiro, surgiu com objetivo de difundir e ampliar o número de praticantes de futebol na cidade de Rio Grande e no estado inteiro.

Um verdadeiro clube missionário, atitude excepcional, que introduziu e efetivou a paixão das multidões em Pelotas, Porto Alegre e Bagé, contribuindo decisivamente para que o RS se tornasse desde o início um dos maiores centros futebolísticos nacionais, pioneiro em diversos aspectos. E que mesmo em sua cidade tratou de difundir sistematicamente o novo esporte, oferecendo gratuitamente bolas de futebol (caro equipamento importado da Inglaterra) e instrutores aos estabelecimentos educacionais, semeando e consolidando o jogo da bola. Garantiu assim sua própria sobrevivência como instituição, numa época em que o futebol era prática alienígena e de pouca aceitação, condenando tantos clubes (inclusive os quatro anteriores ao clube riograndino) a uma efêmera existência, se comparada ao século de vida do Sport Club Rio Grande. (MASCARENHAS, 2001, p. 131.)

A visita do Rio Grande foi muito aguardada pela imprensa tradicional da época e, aparentemente, gerou grande entusiasmo e expectativa na sociedade, conforme podemos perceber nas páginas do jornal *A Federação*:

Tem despertado o maior entusiasmo entre as associações sportivas desta capital a proxima visita do Sport Club Rio Grande.
Para a recepção preparam-se todas ellas, fazendo crer que a festa revestir-se-á de todo brilhantismo. Hoje devem reunir-se as diretorias de varias associações e amanhã, as de todas as desta capital, afim de serem concertados os meios de condignamente receberem e festejarem os excursionistas rio-grandenses. As associações de regatas pretendem enviar ao encontro do navio que transportar o Sport Club Rio Grande as respectivas embarcações e vapores especiais irão encontrar os excursionistas fóra do porto. Na séde de diferentes associações realizar-se-ão attraentes festivaes em homenagem aos visitantes rio-grandenses. Talvez a partida de *foot-ball* venha a realizar-se na praça central do Parque de Exposição. É possível que um grande baile seja tambem, por ultimo, offerecido ao *Sport Club Rio Grande* (A Federação, 29 de agosto de 1903)

Foi na cidade de Rio Grande, inclusive, que se estima que tenha sido a porta de entrada do esporte no estado. Muito embora seja uma tarefa difícil delimitar por onde o futebol entrou no Rio Grande do Sul. Podemos, no caso de Porto Alegre, verificar algumas peculiaridades que permitiram que o esporte se tornasse um sucesso no início do século XX. Junto com a questão das relações comerciais e a modernização que se buscava, o fato de haver uma tradição esportiva alemã se torna de importante relevância. Isso porque são associações de origem alemã que vão fundar os primeiros clubes de futebol na cidade. São eles: o FussBall e o Grêmio Football Portoalegrense.³⁵

Como temos colocado, a adoção do futebol pela sociedade brasileira no geral está interligada às novas práticas de sociabilidade e a prática, como uma delas, serviria então

³⁵ Outros esportes tiveram protagonismo na sociedade emergente do século XX, como: remo, tiro, hipismo e ciclismo. O esporte que acabou por sucumbir por causa do futebol, segundo Soares (2014), foi o ciclismo, devido a sua ligação umbilical com o futebol.

como um marcador social. Assim, seus significados estavam além. Aliado aos *matches*, por exemplo, aconteciam cerimônias de recebimento das delegações, almoços e jantares de confraternização, palestras sobre o desenvolvimento “physico” do *sport* na sociedade. *A Federação* do dia 3 de junho de 1905 demonstra esse ambiente ao anunciar uma festa dedicada aos amantes desse gênero de “sport”, promovida pelo Grêmio Foot Ball Porto Alegre.³⁶

Voltando à questão do marco inicial da bola em Porto Alegre, segundo Santos (2018) a recepção aos rio-grandinos era bem mais do que uma atividade esportiva: era um evento social de conagração das elites, onde os grupos europeus e seus descendentes, oriundos das duas principais cidades do Estado, desejavam ser celebrados e reverenciados por toda a sociedade da capital.³⁷

Dessa forma, essa exibição serviu basicamente para “apresentar à sociedade porto-alegrense a novidade à juventude esportista local, já plenamente engajada no ciclismo e nas regatas, para inserir mais esta modalidade em seu leque de experimentações da modernidade”.³⁸

O local da primeira partida ocorreu no velódromo da Sociedade União Velocipédica de Amadores, que fazia parte do que conhecemos atualmente como Redenção. Desde 1884, segundo Santos (2018), o território ficou assim conhecido. Nesse mesmo ano o poder público, em comemoração ao processo de desmantelamento do regime de escravidão, renomeou a região que antes era conhecida como Campo do Bom fim. A região servia de local de fuga para escravizados durante a escravidão e era um espaço usado também para acampamento e repouso de carreteiros que vinham à Porto Alegre para comercializar produtos. Desde os finais do século XIX, no entanto, a região, que era um dos pontos de entrada da cidade e se localizava perto do centro, passou a receber edificações, sendo o seu entorno paulatinamente elitizado. A tentativa de consolidação disso pode ser observado que em 1935 – centenário da Guerra dos Farrapos – quando o local passa a ser denominado de Parque Farroupilha em alusão a tal acontecimento. Assim, como tantos outros espaços públicos da cidade,

O parque se constituiu em local para a reprodução da hegemonia econômica de determinados grupos. Também serviu para o desfile e a representação social do poder que ratificava a estética e a cultura das elites, em boa parte constituída por portugueses, espanhóis, alemães, italianos, e seus descendentes. (SANTOS, 2018, p. 59)

³⁶ *A Federação*, 3 de junho de 1905.

³⁷ SANTOS, 2018, p. 50.

³⁸ MASCARENHAS, 2001, p. 217.

No entanto, mesmo em meio a este espetáculo das elites brancas, houve participação de um negro na comitiva que recebeu o time de Rio Grande na capital. Trata-se de Aurélio Viríssimo de Bittencourt, que à época era secretário da presidência da província do Rio Grande do Sul. Um negro de prestígio na sociedade que alcançou importante cargo público e que foi um dos colaboradores do jornal “*O Exemplo*”, sendo a sua trajetória utilizada pelos jornais negros como exemplo em defesa da educação, e para o incentivo da criação de instituições educativas recreativas.³⁹ Conforme Santos (2018), o papel que Aurélio desempenhava naquela sociedade poderia ser visto como um “agente mediador”, pois

Ele circulava nos territórios culturais e de pertencimento étnico-racial, do qual era originário, e nos mundos das elites econômica e política do Estado. Atualmente, ele é descrito como um intelectual e político negro, protagonista que ocupou espaço fundamental para a visibilidade e a defesa dos interesses desta população (SANTOS, 2018, p.53).

A visita parece ter inspirado a criação de clubes específicos para a prática futebolística. Os primeiros foram times oriundos da elite branca da cidade e ambos ligados à parte germânica. O *Fuss-ball* e o *Grêmio Foot Ball Porto Alegrense* foram fundados em 15 de setembro de 1903, logo após a visita dos riograndinos. O *Fuss-Ball* foi “fundado por membros de *Rodforvier Verein Blitz*, associação esportiva da comunidade teuta dedicada ao ciclismo, e era uma instituição completamente fechada à participação de indivíduos externos à esta comunidade”.⁴⁰ Já o Grêmio “se apresentava como uma espécie de clube alemão sem restrições absolutas a elementos alheios àquela comunidade, pois dentre os seus 23 fundadores, havia quatro nomes não-germânicos”.⁴¹

Acreditamos que para se trazer uma contribuição ao campo da historiografia futebolística é necessário, por parte do(a) historiador(a), superar certas verdades cristalizadas no nosso imaginário social futebolístico. O desenvolvimento desse esporte em Porto Alegre, por exemplo, vai muito além da clássica dicotomia que coloca Internacional e Grêmio como os hegemônicos. É bem verdade que ambos foram os times que obtiveram mais sucesso se olharmos hoje – haja visto os inúmeros títulos regionais, nacionais e internacionais que conquistaram e seu extenso reconhecimento a nível nacional, continental e mundial. Mas, no alvorecer do futebol na cidade, outras equipes – que não somente da elite branca – também tiveram importante papel para difundir a novidade. Dessa forma, se torna necessário o

³⁹ SANTOS, 2018, p. 53.

⁴⁰ MASCARENHAS, 2001, p. 218.

⁴¹ MASCARENHAS, 2001, p. 218-219.

reconhecimento das contribuições dessas instituições que historicamente foram deixadas de lado, mas que, a contrapelo disso, a historiografia futebolística já nos mostra um cenário e agentes da difusão bastante diferentes. Para além disso, é importante destacar a contribuição de outras instituições, seja do âmbito das elites brancas, quanto a nível de operariado ou negro.

Quando o Sport Club Rio Grande chegou à capital, o esporte já era algo conhecido na cidade. Isso porque Porto Alegre na época estava se tornando “um dos principais centros econômicos e industriais do Estado”⁴² e, como vimos anteriormente, a partir das concepções de Mascarenhas (2001), a bola se difundiu inicialmente onde a industrialização estava presente. Então não é improvável pensarmos que a bola já rolava na cidade e nas regiões do estado onde as relações comerciais se faziam presente. Isso também pode ser explicado pelo fato da proximidade com os países platinos - Uruguai e Argentina. Esses países tinham intensas relações comerciais com a Inglaterra, o que, por consequência, facilitava a difusão da prática antes, em comparação com o Brasil, por exemplo. Sobre essa proximidade, Santos (2018) coloca que isso pode ser exemplificado pela fundação dos primeiros clubes de futebol na região fronteiriça do estado. Segundo ele, “foram os casos do S.C. 14 de Junho, fundado em 1902, em Santana do Livramento, do S.C Bagé, em 1906, e do S.C. Guarani, em 1907, ambos fundados em Bagé ”.⁴³

O Sport Club Rio-Grandense teria sido o terceiro clube de futebol da capital. Um clube constituído por negros, fundado em 12 de setembro de 1907. O seu campo de treinamento se localizava no Caminho do Meio, onde, atualmente, fica a Avenida Protásio Alves. Na época, era um caminho rural, que se estendia da Redenção até Viamão, cidade vizinha. Conforme Santos (2018), era um local ocupado majoritariamente por negros, tendo também considerável população de imigrantes e seus descendentes. Sobre a mudança diretiva do clube de 1908 para 1910,

O presidente passou a ser o Juvencio de Lima, que era 1º secretário, tornando-se tesoureiro Octacilio Ferreira, o antigo presidente. O vice-presidente Antonio R. da Silva era novo na direção do clube, assim como boa parte dos demais: o 1º secretário, Joaquim do Amaral, e o “2º dito”, como era descrito o 2º secretário, Henrique. (SANTOS, 2018, p.68)

Foram esses senhores que colaboraram para a fundação do talvez primeiro clube organizado de futebol negro da capital. Além disso, são responsáveis por levarem – ou

⁴² SANTOS, 2018, p. 54.

⁴³ SANTOS, 2018, p. 55

continuar a levarem – a cultura futebolística aos negros que eram impedidos de poder participar da novidade nos clubes de origem branca.

Outro clube que nasceu junto com os primórdios da bola em Porto Alegre foi o Fuss-Ball 20 de setembro. O nome deste clube pode evidenciar algumas questões. A referência ao 20 setembro – data que ficou marcada como o fim da Guerra dos Farrapos – evidencia a relação que parte da comunidade negra da cidade tinha com os republicanos, pois a data era exaltada pelo Partido Republicano Riograndense (PRR), a principal força política da época. Outra questão é quanto ao nome “Fuss-Ball”. A expressão era usada para referenciar clubes que tinham origem alemã. Mas, conforme alerta Santos (2018), ao se analisar o corpo diretivo do clube – João Baptista Silva e Lourenço Teixeira, que vão aparecer, alguns anos depois, na diretoria do Sport Club Primavera⁴⁴ – podemos concluir que se tratava de “mais um clube do meio popular da cidade”, pois “a maioria de seus dirigentes e jogadores, possivelmente, era identificada na cidade como negros”.⁴⁵

Após a visita do Sport Club Rio Grande, o futebol teve pouco desenvolvimento na cidade, se nos basearmos na quantidade de times criados. Santos (2018) identifica que em 1908 havia quatro clubes ativos de futebol criados: Fussball, Grêmio, Foot Ball Club Rio Grandense (dos negros) e o Club Foot-Ball Rio-Grandense.

Entretanto, é pouco provável que isso se explique pelo desinteresse da população. Podemos identificar dois motivos que nos ajudam a explicar esse pouco desenvolvimento. Primeiro, esse relativo desenvolvimento ou divulgação da novidade até 1909 pode ser explicado pelo fato de que os clubes que foram surgindo, fora Grêmio e FussBall, não eram clubes ligados a certo estrato da sociedade portoalegrense. Segundo Soares (2014),

Essa inexpressividade histórica é marca de uma época em que estas agremiações, não possuindo relevância cultural e econômica, sucumbiram frente às mais afortunadas, apesar de sua importantíssima contribuição para a difusão do foot-ball nas camadas mais populares, cujo resultado mais expressivo talvez seja o boom de 1909. (SOARES, 2014, p. 65)

Podemos observar que após 1903 há, de forma organizada, sucessivas criações de clubes de futebol negros. Mas foi após 1909 que a difusão de clubes na capital tem uma grande crescente. O autor sugere que, inclusive, no período entre 1903 (fundação dos times pioneiros) e 1909 (fundação do Sport Club Internacional) há um silêncio sobre outros times que não os até então hegemônicos por parte dos periódicos da imprensa da época. Talvez seja

⁴⁴ Outro clube do meio negro, posteriormente fundado.

⁴⁵ SANTOS, 2018, p. 72.

essa a razão pelas quais algumas afirmações ainda permanecem no banco de reservas quando falamos sobre a difusão do esporte na sociedade porto-alegrense.

Outra explicação, também, se refere à dificuldade para se criar e manter um clube de futebol na época. A questão financeira, por exemplo, se mostrou um grande impeditivo para algumas agremiações poderem praticar o esporte e não é difícil imaginar que muitas, das quais são do nosso desconhecimento, possam ter tido dias curtos por esse motivo. Os itens básicos para a prática futebolística eram caros. De acordo com Santos (2018) boa parte dos artigos futebolísticos eram vendidos a preços que talvez somente classes econômicas privilegiadas conseguiriam ter acesso facilitado.

Dentre esses, também eram anunciadas as “bolas para Foot-ball” e as “bombas para encher as bolas”, respectivamente, anunciadas nos valores entre 12\$000 e 22\$000 réis, e de 4\$000 a 8\$00 réis.

Para se ter uma ideia comparativa dos valores daqueles utensílios fundamentais para a prática do futebol com alguns gêneros alimentícios, apresento a “cotação oficial do mercado local”. No mesmo período, o quilo do “feijão novo” era vendido a 8\$500, o “arroz especial” estava entre 19\$500 e 22\$000 o quilo. A assinatura semestral do diário A Federação, onde foram divulgadas essas informações, estava custando 14\$000 (SANTOS, 2018, p. 71)

Fazendo uma simples comparação dos preços dos artigos de futebol em relação aos alimentos de primeira necessidade, não é difícil perceber que, naquele momento, os valores altos para se praticar a novidade tinham potencial para ser um grande impeditivo para a criação e manutenção de clubes de origem popular. No entanto, mesmo com esse cenário, alguns clubes populares acabaram prosperando. Nos possibilitando supor que para que isso tenha acontecido, houve um grande esforço coletivo, no sentido de arrecadação financeira, para compra de materiais ou, também, que os negros mais economicamente colocados tenham ajuda nesse processo de aquisição.

É a partir de 1909 que há uma grande proliferação de times de futebol na cidade. “Podemos dizer que foi a partir deste momento que o *foot-ball*, foi reconhecido como o principal esporte de Porto Alegre”.⁴⁶ Clubes de estratos mais privilegiados como Sport Club Internacional, Militar, Nacional, 7 de Setembro e *Frisch Auf* foram criados e outros tantos de estratos populares também.

Em 1910 funda-se a Liga de *Foot-Ball Porto Alegrense*, onde sete clubes, dentro da vastidão de clubes que foram se criando, participaram. O caráter exclusivo e excludente foi a marca da liga. Isso porque haviam mecanismos que impediam a participação dos clubes populares da cidade. A liga foi a primeira associação futebolística organizada da cidade e foi

⁴⁶ SOARES, 2014, p. 70.

dirigida inicialmente pelo ex-presidente do Grêmio, Oswaldo Siebel, que convidou os sete maiores clubes da cidade.

Naquele momento, foram os seguintes convidados: Grêmio Foot Ball Porto Alegrense, Sport Club Internacional, Fussball Club Porto Alegre, Sport Club Nacional, F.M. Frisch Auf, Grêmio Foot Ball 7 de Setembro e Militar Foot-Ball Club. (SANTOS, 2018, p. 87)

Quanto às condições necessárias para ingresso na liga,

Não bastava ser “uma sociedade devidamente constituída, possuindo sede e apetrechos necessários para a prática do futebol. A liga exigia também cópias dos estatutos, “campo com dimensões legais, e amplas comodidades para os *teams* visitantes”, designação de endereço de domicílio do presidente e do secretário do clube pretendente. Além destas exigências para aqueles que desejavam efetuar matrícula, também deveria ser pago “20\$ de taxa e 200\$ de matrícula, sendo obrigatório para todos o pagamento de 60\$ anuais, a título de mensalidade (SANTOS, 2018, p. 88)

Somada a todas essas exigências, os clubes da elite também dificultavam o ingresso de clubes negros e operários à liga. Incomodados com a possibilidade do Rio Grandense – time negro e de origem popular – ingressar na liga em 1911, o Frisch Auf se retirara da associação em sinal de protesto. A pretensão do Rio Grandense de fazer parte da liga, ao que tudo indica, foi barrada também pela diretoria da liga na época. Nota-se que o presidente dela era o então presidente do Sport Club Internacional, clube que a partir da década de 40 assumiu a negritude com um dos seus símbolos. Entretanto, naquele momento, como mais um time dos grupos privilegiados da cidade, e representado na figura de seu presidente Henrique Poppe, juntamente com outros membros da direção da liga, se voltaram contra a popularização do futebol e a favor da sua elitização ao não permitirem o Rio Grandense de adentrá-la. Assim, “tão logo aqueles senhores tiveram conhecimento do interesse dos clubes de maioria negra e operário em fazer parte da Liga, criaram regras extras para impedi-los.”⁴⁷

O exemplo da Liga Porto Alegrense evidencia a forma como o racismo se manifestou nos primeiros anos da bola em Porto Alegre: a partir de uma série exigências e mecanismos para impedir o acesso de clubes negros e operários. No entanto, como viemos defendendo, os negros, junto com a população não negra desprivilegiada da cidade, queriam poder praticar o futebol. Nesse contexto, ele “serviu para fortalecer a autoestima e como exercício de organização coletiva para negros e operários”.⁴⁸ Assim, criaram seus próprios espaços e organizações para poderem jogar futebol, já que no âmbito “profissional” foram excluídos.

⁴⁷ SANTOS, 2018, p. 91

⁴⁸ SANTOS, 2018, p. 75.

É necessário, nesse contexto, atentar para o fato de que boa parte da população negra porto-alegrense sofreu com um processo de segregação, conforme vimos no capítulo anterior sobre o caráter da modernidade republicana. Podemos observar a criação e consolidação de diversos núcleos urbanos de predominância negra no pós-abolição. A colônia africana foi um desses bairros negros, que se localizava longe do centro da cidade, em uma região rural, tendo sido reconhecido como tal em 1896. Segundo Rosa (2014), esse bairro habitado por negros, especialmente ex-cativos, era uma região rural onde praticamente não contava com recursos de infraestruturais necessários para uma cidade “moderna” e “civilizada”. O historiador mapeia que o nome dado ao bairro tem haver com outro sentido de liberdade, do qual não tinha ligação necessariamente com obtenção de emprego e salário.

Para cativos que viviam no campo, a liberdade tinha sentidos mais restritos, tais como constituir família e ter um pequeno pedaço de terra, onde teriam moradia e do qual retirariam sustento, sem mencionar o fato de que muitos negros desejavam ter, em tempos de liberdade, a posse da pequena propriedade que já cultivavam durante o cativeiro, entendendo isto como um direito costumeiro. (ROSA, 2014, p. 168)

Assim,

É possível que aquela “aglomeração de negros” tenha-se formado durante os momentos finais do processo de desmontagem do escravismo e tenha sido intensificada pela pressão política abolicionista por alforrias e, talvez, até por certas concessões senhoriais antes da Lei Áurea, já que acesso à terra e ao casamento eram simultaneamente reivindicação escrava e estratégia senhorial de controle, pois, quando conquistados, tendiam a favorecer a fixação geográfica e a evitar as fugas de cativos (ROSA, 2014, p. 169)

É bem provável, então, que “deste arrabande periférico, verdadeiro enclave étnico situado numa colina, descerão os negros em direção às várzeas do “Caminho do Meio”, do “Campo do Bom Fim” ou da “Volta do Cordeiro” para paraticar o futebol”.⁴⁹

Outros bairros, esses mais próximos ao centro da cidade, podem ser observados também. Os bairros Areal da Baronesa e Ilhota, diferentemente, se localizavam mais próximos no centro da cidade, na região conhecida hoje como cidade baixa. Essa localidade era caracterizada por ser alagadiça, pois se encontrava situada à beira do Rio Guaíba e era perpassada por um extenso riacho. Logo, era uma região que estava sujeita a enchentes violentas. Conforme Rosa (2014), o termo “cidade baixa” evidencia uma forma de representação do espaço urbano, com base em uma divisão classista. Ou seja,

Tratava-se de uma referência toponímica de origem portuguesa, baseada na óbvia diferença entre a “parte alta” – o núcleo de onde partiu o povoamento, chamado de “centro” – e a genérica e mal definida “parte baixa” – situada entre a várzea do Bom Fim e o Rio Guaíba, e que se estendia até o Arraial Menino Deus (ROSA, 2014, p. 85)

⁴⁹ MASCARENHAS, 2001, p. 229.

Outro núcleo urbano de predominância negra era a Ilhota. Uma região atravessada por dois arroios (Cascatinha e Dilúvio) que acabavam por descer de lados contrários, formando uma ilha ao se encontrarem. Foi nessa fração de terra que nasceram Lupicínio Rodrigues⁵⁰ e Osmar Fortes Barcellos, o Tesourinha.⁵¹ Segundo Santos (2018), é possível que ambos tenham jogado em times negros que fizeram parte da chamada Liga da Canela Preta.

Dessa forma, podemos perceber que os territórios de predominância negra constituídos podem ser considerados territórios por onde a bola rolou. Pois, conforme temos defendido aqui, considerável parte da população negra não estava alheia às novidades que a modernidade impunha. Foram dessas regiões onde, muito provavelmente, saíram os *sportman* negros que desfilaram seu talento nas ligas negras que iam surgindo e, posteriormente, quando da inserção do negro, nas ligas conhecidas como “tradicionalistas” da cidade. Assim,

O futebol se difunde como uma forma de entretenimento popular numa cidade que se apresenta como um tecido fragmentado, separando nitidamente grupos étnicos e sócio-econômicos. Esta forma pela qual os diferentes grupos sociais se territorializam na cidade vai incidir claramente sobre a prática esportiva (MASCARENHAS, 2001, p. 229)

É nesse contexto em que, então, começam a emergir ligas de caráter popular na cidade. Em 1914, é criada a primeira associação exclusiva para a prática do futebol por parte desses clubes excluídos da liga tradicional, a *Liga de Foot-Ball Sul-Americana*. Os times que participaram do campeonato de 1915 foram: *S.C Amanuense*, *União Foot-Ball Club*, *F.C. 8 de setembro*, *Primavera* e o *Rio Grandense*.

⁵⁰ Oriundo do bairro negro Ilhota, Lupicínio veio de uma família ligada ao futebol. Seu pai, Francisco Rodrigues, fez parte da diretoria do Rio Grandense. Segundo Santos (2018), o fato de Lupicínio e outros negros terem se tornado torcedores do Grêmio vem pelo fato de que o presidente do Sport Club Internacional na época havia barrado a inserção de clubes negros na principal liga da cidade no início da década de 1910. Lupicínio ficou conhecido por escrever o hino do Grêmio.

⁵¹ Assim como Lupicínio, Osmar Fortes Barcellos, popularmente conhecido como Tesourinha, também nasceu no bairro Ilhota. Foi um grande futebolista tendo sua história ligada ao Sport Club Internacional, fazendo parte do elenco da década de 1940. No entanto, também teve uma história no Grêmio, sendo o primeiro negro a vestir a camisa do clube, em 1952.

3 O *Foot-ball* pelas páginas do *O Exemplo*

Esse capítulo tem por objetivo destacar como se deu a introdução da novidade *foot-ball* nas páginas do jornal “*O Exemplo*”. Busca-se aqui entender de que formas as notícias sobre a novidade apareciam, bem como os recortes que os redatores faziam.

Inicialmente é difícil supor que a excursão do Rio Grande, de fato, trouxe a cultura futebolística para Porto Alegre. No entanto, certamente ajudou a difundir-la. Mais difícil, ainda, é afirmar se a bola rolava ou não entre a população negra antes de 1903, até porque essa era uma questão que demorou a aparecer no principal periódico da população negra da capital, o jornal *O Exemplo*. O que, por consequência, acaba dificultando certas afirmações a respeito. Podemos sugerir que essa demora se explique pelo não reconhecimento, por parte dos redatores, dessa atividade como uma atividade que não traria benefícios à população negra ou pelo fato de hoje ainda não se ter acesso à totalidade dos acervos do jornal. Até onde foi possível analisar a partir do periódico da imprensa negra porto-alegrense, percebe-se que o assunto é introduzido de maneira tardia – se comparado com periódicos da imprensa tradicional. A primeira notícia que foi possível localizar data o ano de 1910 – época que o *foot ball* já recebia atenção da imprensa tradicional e já se encontrava difundido em todas as classes sociais – quando se deu o anúncio de uma partida entre os times ditos operários: *Centro Sportivo Operário* contra *Foot Ball Club Rio Grandense*. Partida essa ocorrida no Campo da Redenção. A notícia dava conta que o esporte estava, enfim, sendo difundido de maneira séria pelas camadas populares das cidades:

Tem tomado sério desenvolvimento entre nós o jogo de *foot ball*, que invadindo todas as classes sociais, contam-se já duas associações, compostas em sua totalidade de operários, que cultivavam esse gênero de *sport*. Centro sportivo Operario e Foot Ball Club Rio Grandense, são os nomes dos dois noveis gremios que apresentam-se hoje, em publico, contando ainda poucos mezes de existencia, batendo-se da primeira daquellas agremiações, situado no Campo da Redempção. Comquanto a estação calmosa que atravessamos não seja propria para esses exercicios, que dentro em pouco, os jogadores, sentem-se fadigados, é de presumir que o torneio seja renhido e desperte interesse. O *match* começará ás 4 1/2 horas da tarde. (O EXEMPLO, 16 de janeiro de 1910)

Ao especular sobre a mesma notícia, Santos (2018) sugere que a expressão “entre nós” refere ao público do qual o jornal estava buscando se comunicar: as classes populares. Pois, “os jornalistas negros dialogavam com seus “irmãos de cor” e de classe, não deixavam dúvidas sobre qual universo do futebol estavam falando.”⁵²

Ao que parece, tanto os negros quanto brancos empobrecidos se aliaram em alguma medida para a difusão e construção do futebol entre as camadas populares. Pela notícia tratar

⁵² SANTOS, 2018, p. 82.

de “times operários” não é difícil imaginar que haja essa mistura étnica entre os times que disputaram aquela partida. No entanto, conforme veremos a seguir, podemos sugerir que os negros tiveram dificuldades de participarem de forma ativa até em agremiações de operários. Algo que causou estranhamento e certa ironia dos redatores. A notícia dava conta que:

Domingo passado, as 4 horas da tarde, pouco mais ou menos, os moradores da avenida dos 7 bahianos (antiga becco do Barbosa e actual rua aurora) ficaram boquiabertos com a passagem de um grupo de rapazes foliões, que não sabemos de onde vinham, nem para onde iam. Os alegres jovens trajavam o costume adequado ao sport que abraçavam para a diversão de suas horas vagas e entoavam uma canção, que pensamos ser o hymno da agremiação: pois a entrecortavam de momento a momento com victores ao foot ball. O prestígio, que marchava pela calçada, era iniciado por um moço da cor preta e um de cor branca, demonstrando assim que entre os que estudam e se illustram, ligam-se e fraternizam se os individuos pelos seus meritos e qualidades, tanto nas horas amargas do trabalho, como nas doces do lazer; enquanto que entre os que só trabalham, sem cultivarem o espirito, ainda persistem na absurda preocupação de seleccionarem-se dos collegas de profissões, pelo accidente da cor da epiderme: como acontece com o sport recreativo da União Operária, que não admite que operários pretos peguem na bola. Bello exemplo de fraternidade humana dão os alludidos moços. (O EXEMPLO, 16 de outubro de 1910)

O exemplo da União Operária nos faz sugerir que mesmo entre as camadas populares, em certos casos, os negros ainda sim tinham seu ingresso dificultado em agremiações futebolísticas por causa do “acidente da cor da epiderme”. Mesmo embora pertencentes à mesma classe social, o fator racial ainda sim era balizador das relações entre a classe operária.

Mas, por quais motivos o futebol não aparecia nas páginas do jornal se já era uma prática em difusão, com, inclusive, times negros e operários se formando? Esta é uma questão difícil de responder, conforme suponhamos anteriormente. Entretanto, podemos perceber que a cultura esportiva já estava presente entre a população negra de Porto Alegre desde pelo menos 1904, quando localizamos notícias relacionadas ao *hyppismo*. Esse esporte ocupou as páginas do jornal até o final da década de 30, dividindo com o futebol as atenções dos redatores e ficando lado a lado nas colunas dedicadas aos *sports*. A primeira notícia que foi possível encontrar data de 1904 na coluna “Desalinhavos”, escrita por S. Pereira. O autor se propunha a discutir diversos assuntos e trazia suas experiências pessoais. A preocupação de Pereira era em poder “cultivar tal gênero de *sport*”, pois se sentia um cidadão “pacato” e “livre para andar pelos postos”. Essa preocupação se explica porque Pereira lera uma notícia no jornal *Correio do povo* (um jornal de maior circulação social da época) no qual:

O agredido recebeu um ferimento na frente esquerda, outro no ombro e o terceiro no peito, além de ficar com um dedo da mão esquerda destroncado. O subintendente daquela ilha, tenente-coronel Frederico Schmitt, mandou apresentar ambos á policia judiciária. (O EXEMPLO, 24 de agosto de 1904)

O autor mostra indignação com o fato de o agredido ter que se apresentar junto com seu agressor. Supõe que o principal defeito seja a lei ao indagar que "essa disposição é uma gloria para o aggressor: elle vê a victima cortir além das dôres do surrorio a custadia de vinte quatro horas".⁵³

Assim, através da experiência vivenciada por S. Pereira, podemos supor que ele temia algum tipo de agressão quando frequentasse espaços brancos elitizados.

Quando um sujeito na distância de oito metros me olhar com cara feia já estou rodando nos calcanhares e tirando luz, porque não estou pelos actos tragi-cômicos de ficar com o frontispícios esbandalhado, andar servindo de tropheu da gloria á façanha do meu agressor e ter de fazer dueto de lamurias com elle no xadrez". (O EXEMPLO, 28 de agosto de 1904)

O que podemos concluir através da experiência de S. Pereira é que não deveria ser fácil ser um cidadão negro que buscava ocupar certos lugares e participar da extensa rede de novidades que a modernidade propunha. Esse, sendo um cidadão livre, sem as amarras da escravidão, poderia, em tese, ter a tranquilidade de participar e ocupar espaços. Mas, conforme vimos, a república brasileira não propunha a integração social das camadas populares. Os afastando – ao menos na tentativa – de espaços determinados. É extremamente justificável a preocupação de S. Pereira e, também, é bem possível que isso tenha afastado outros negros de certos espaços.

É somente a partir de 1916 – quando do ressurgimento do *O Exemplo* – que as notícias sobre futebol passam a se tornar cada vez mais frequentes no jornal. As colunas esportivas do jornal visavam, além de dar conta do andar do futebol entre os clubes negros, também mostravam o cenário futebolístico em geral em Porto Alegre e no Estado.

Podemos perceber que o jornal se preocupou com a qualidade das notícias sobre o futebol. Em 1918 notamos o anúncio de um novo redator esportivo do qual tinha uma história ligada a esse esporte. A notícia informa que Antenor Lemos ficaria a cargo das crônicas esportivas: abrangendo o futebol, o tênis, a natação e o *turf* (hipismo).

Temos a satisfação de participar aos nossos caros leitores que o conhecido *sportman* Antenor Ribeiro Lemos, um dos mais bellos ornamentos do nosso mundo elegante, annuindo ao convite que lhe fizemos, tomará a seu cargo a collaboração sportiva de nossa folha. O novo collabor tem nome ligado à história da implantação do sport, sendo a sua opinião acatada e respeitada em assumptos referentes a esse genero de educação physica. (O EXEMPLO, 23 de junho de 1918, p.2)

Em uma edição de 1916 é possível perceber a dimensão que o futebol estava atingindo não só no Brasil, mas também nos países vizinhos. A notícia dava conta que “um

⁵³ *O Exemplo*, 24 de agosto de 1904.

capitalista chileno” ofereceu à edildade da capital de seu país um terreno de 100.000 metros quadrados para a construção de um *stadium athetico* com a finalidade de se dedicar ao desenvolvimento da “cultura physica do povo”. A edição nos permite observar que os redatores do jornal estavam atentos às questões futebolísticas em outros países da América do Sul, não se restringindo aos acontecimentos exclusivamente do meio negro ou do país.⁵⁴

O futebol porto-alegrense teve sua popularização plena a partir de 1915, segundo Mascarenhas (2001), e podemos observar isso nas páginas do jornal em um discurso realizado por Ernesto Braga, na festa de aniversário do S.C. Ruy Barbosa. “Em seu discurso o orador demonstrou como o escopo do Ruy Barbosa paira acima das banalidades materiais do jogo e visa principalmente o cultivo da sociabilidade e da união fraterna entre os nossos patrícios”. Muito provavelmente, Ruy Barbosa era um clube de estrato privilegiado branco da sociedade. O termo “patrícios” nos alude a essa hipótese. Mas também pode ser mais um clube negro que usava o termo para se reverenciarem. No entanto, o que importa aqui, é que a sociedade futebolística porto-alegrense acreditava que a prática, além de servir para educação dos corpos, servia também para a sociabilidade e união daquele estrato social.⁵⁵

Entretanto, há de se considerar que havia parcelas da sociedade porto-alegrense que se recusavam a admitir os possíveis benefícios que a prática poderia trazer para a população, mesmo em um contexto de ampla aceitação e difusão. Isso não era algo específico da cidade. Conforme Agostini (2002), o futebol não foi bem recebido por todas as partes e isso suscitou variadas reações por parte da sociedade. “No Brasil, além de manifestações anarco-sindicalistas, merece destaque o debate travado na imprensa entre os escritores Lima Barreto, um dos organizadores da Liga contra o Futebol, e Coelho Neto, não só entusiasta do esporte como também desvairado torcedor”⁵⁶. Na própria Europa, berço do futebol, a repulsa era também considerável. Na Alemanha, por exemplo, muitos viam o jogo inglês como coisa de macacos desengonçados e desnutridos.

Em 1918 notamos essa influência nas páginas do *O Exemplo* através da transcrição de um artigo “criterioso” chamado “O jogador apaixonado pelo foot-ball é sempre um medíocre”, escrito pelo Dr. Liberato Bittencourt, em uma coluna intitulada “Contra o football”. O autor do artigo sugere que a prática desportiva futebolística “de todos os sports praticados ao ar livre” é o mais “perigoso e condenável”. Isso porque, segundo suas concepções, “deturpa a educação physica, ataca de frente a cultura intellectual e corrompe,

⁵⁴ *O Exemplo*, 20 de fevereiro de 1916, p. 3.

⁵⁵ *O Exemplo*, 5 de novembro de 1916, p. 2.

⁵⁶ AGOSTINI, 2002, p. 28.

certeiro, a feitura moral dos individuos mais equilibrados e mais fortes”. Além disso, alega que esse esporte cabe muito bem em regiões frias, mas que para um contexto brasileiro, de clima quente, “é uma verdadeira monstruosidade" jogar futebol porque "tal exercicio, comprehende-se, estafa sem fortificar, prejudica sem fortalecer, corrompe sem beneficiar" e "o jogador apaixonado de football é fatalmente mediocre”. A preocupação do autor do artigo parece se referir ao fato de que a prática desportiva prejudicaria o desenvolvimento intelectual da população praticante. Coloca que o bom estudante é sempre delicado, atencioso, calmo, cortês. O futebolista, ao contrário, é grosseiro nos modos e maneiras, amigo do pontapé e da carreira, barulhento quanto estouvado, sempre amigo da indisciplina e da desordem.⁵⁷

O jornal se mostrou também preocupado com o desenvolvimento do esporte no Rio Grande do Sul. Fazendo um paralelo com o desenvolvimento no Rio de Janeiro concluem, em uma edição do ano de 1921, que naquele momento o Rio Grande do Sul estaria desamparado: sem sol, sem lua e sem conforto para a realização dos “nossos ideaes que á grandeza do nosso Estado”. Na visão dos redatores, isso requeriria esforços de todos os simpatizantes e do estado também em promover a novidade. A notícia dava conta que

Foi bem aceita tanto na Camara como no Senado, e com o mais justo carinho por parte de todos os congressistas e do proprio governo, que a recebeu com demonstração de sympathia, a proposta do deputado Macedo Soares para que fosse cedido ao Club de Regatas do Flamengo, onde mais lhe conviesse, uma grande extensão do terreno na Praia Vermelha, com prendendo tambem a bacia ali situada, para que uma vez pudesse o gremio rubro-negro construir no referido local o seu stadium, com os requisitos modernos e indispensaveis, que permitirão em 1922 a realização das grandes festas olympicas.(*O EXEMPLO*, 16 de janeiro de 1921, p.2)

Dessa forma, o jornal se posiciona da seguinte forma:

Torna-se necessario que todos os interessados no progresso e desenvolvimento do Sport entre nós, encaminhem seus esforços no sentido de se obter do digno Governo do Estado os meios indispensaveis para a construção de uma importante praça de Desportos Sul Rio Grandense, e que corresponda aos sacrificios da nossa mocidade sportiva que bem alto tem collocado o nome do seu Estado e de sua Patria (*O EXEMPLO*, 16 de janeiro de 1921, p. 2)

Muito embora o jornal estivesse atento ao desenvolvimento da bola de uma maneira ampla, os redatores não deixaram de divulgar notícias sobre esse desenvolvimento entre a população negra. Mesmo não tendo circulação entre os anos 1912 a 1915, podemos perceber que o futebol seguiu como uma atividade esportiva entre os negros. Isso porque uma notícia mostra que o 8 de Setembro – um clube negro – teria sido campeão nos anos 1914 e 1915.⁵⁸

⁵⁷ *O Exemplo*, 3 de março de 2018, p.1.

⁵⁸ *O Exemplo*, 20 de fevereiro de 1916, p. 3.

Será que teria sido da *Liga de Foot-Ball Sul-Americana*? A edição não evidencia isso, mas serve para perceber que a bola continuou a rolar entre os clubes negros e no meio negro da cidade naquele período em que o jornal não estava circulando.

Além de trazer notícias sobre o andamento, *O Exemplo* também foi um agente difusor direto da novidade. Foi possível identificar um grande *match* de *foot-ball* organizado pelo jornal, com pleno apoio da *Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense* onde a disputa seria entre “dois valentes scratches composto de jogadores dos clubs filiados áquella Liga.” Os vencedores receberiam “onze artisticas medalhas de ouro”.⁵⁹

Foi verdadeiramente encantadora a bella festa sportiva por nós organisada domingo ultimo na confortavel praça desportiva Internacionalista. Foi uma festa singular pelo seu brilho, extraordinaria pela sua significação, foi talvez a unica do seu genero na presente temporada. Os nossos sportmens fundidos num arranco de fraternidade, reuniram-se para apresentar ao nosso publico as organizações que se vinham formando silenciosamente e que agora appareciam a luz completamente desenvolvidas e que preenchiam todos os requisitos da tecnologia do foot-ball. (*O EXEMPLO*, 26 de dezembro de 1920, p. 2)

A expressão “extraordinária pela sua significação” nos sugere aludir à importância que o futebol tinha para o meio negro como algo capaz de servir como ponto de união e de resistência frente às dificuldades pertinentes à um povo livre, mas que ainda sim vivia segregado dos benefícios da modernidade republicana.

Um das grandes expressões de associativismo negro no campo futebolístico, sem dúvidas é a *Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense*, conhecida popularmente como Liga da Canela Preta. Essa organização vem recebendo atenção nos últimos tempos da historiografia futebolística e de outras áreas do conhecimento interessadas em trazer um novo olhar sobre a importância social de tal esporte. Acreditamos que só é possível entender o advento dela se levarmos em consideração todo o contexto de modernidade excludente. Ela surge para ser um contraponto à negativa participação dos clubes e jogadores negros nas “tradicionais” associações e ligas da cidade. Sua finalidade era “reunir e acolher no seu seio os diversos Clubs que cultivam o apreciado desporto bretão” que “viviam esparsos, sem relações de sociabilidade dignas de tal nome.”⁶⁰ Assim,

A mesma ordem urbana que gerou estes territórios da exclusão e segregação racial também condicionou a prática do futebol, propiciando a existência de ligas paralelas, hierarquizadas segundo a cor e a condição social do atleta. Uma ordem urbana que confinou a liga dos negros às várzeas, e mais tarde os expulsou em nome da modernização e da lógica da especulação imobiliária. Em síntese, o futebol não pode ser tratado como um epifenômeno, alheio à sociedade envolvente (MASCARENHAS, 2001, p. 231)

⁵⁹ *O Exemplo*, 12 de dezembro de 1920, p. 3.

⁶⁰ *O Exemplo*, 8 de maio de 1921, p. 1.

Estimasse, conforme Mascarenhas (1999), que na época havia pelo menos três ligas na cidade: a principal, vulgarmente denominada *Liga do Sabonete*, composta por elementos da elite (a “nata do futebol da cidade”), que entravam em campo impecavelmente trajados; a liga intermediária, ou *Liga do Sabão*, composta por elementos da “classe média baixa”, pequenos comerciantes e clubes de etnias minoritárias como o do Concórdia, de poloneses; por fim, a *Liga das Canelas Pretas* (assim, no plural), disputada “somente por times de jogadores negros que não eram aceitos pelas outras equipes”.

A utilização do termo “nacional” para identificar a liga suscita questões importantes. Pode ser referente à uma afirmação identitária como brasileiros, em oposição às variadas origens que formaram os clubes tradicionais da elite, pois conforme viemos defendendo os negros não visavam acabar com a república brasileira e sim tomá-la para si ressignificando práticas sociais como o futebol. Entretanto, a denominação pejorativa “Canelas Pretas” acabou se sobrepondo à denominação oficial da liga. Isso se torna uma problemática pois denota um desprezo e falta de qualidade da organização negra. “Na linguagem popular do futebol, dar “canelada” supõe mal controle da bola ou mesmo agressão desleal ao adversário”.⁶¹

Através das páginas do *O Exemplo* foi possível verificar que a liga em maio de 1921 estava comemorando o seu primeiro aniversário. Poucas vezes identificamos que o futebol ocupou o espaço de capa do jornal, mas os redatores fizeram questão de colocar na primeira página da edição do dia 8 de maio de 1921 um discurso regido pelo “companheiro” Flavio Tulio Campos, orador da liga e membro da diretoria. Podemos, através de seu discurso, perceber a importância que a liga estava tendo no sentido de união dos clubes de futebol do meio negro da cidade. Inicialmente podemos ter noção de que o caminho para a constituição da liga não foi fácil. Houveram momentos de decepções, empecilhos, contrariedades e sacrifícios. No entanto, frente às dificuldades que foram encontradas, aqueles que se puseram à frente da direção desta Liga, fizeram de forma firme, segura e não pararam no meio do caminho diante das resistências que eram impostas. O discurso não faz menção especificamente quais foram as dificuldades e quais segmentos da sociedade iam contra a iniciativa da liga, pois era um momento de confraternização. Segundo Flavio não valia a pena falar “delles”, que estariam “no conhecimento consciente” da maior parte daqueles que ele se dirigia em seu discurso.⁶² Podemos supor, dentro de um contexto de modernidade

⁶¹ MASCARENHAS, 1999, p. 152.

⁶² *O Exemplo* 8 de maio de 1921.

excludente, onde o racismo se reorganizou, que não é impossível que a liga possa ter sofrido preconceito, discriminação e até ridicularização das associações e ligas de futebol do meio não negro da cidade. Tanto é que a liga acabou por receber uma denominação com conotação negativa. Essas dificuldades, também, podemos supor que poderiam ser em relação às dificuldades de organizar jogos em dias de muita chuva, por exemplo. Em uma edição do *O Exemplo* de 24 de outubro de 1926 uma outra liga constituída por negros da cidade – a *Associação de Amadores de Foot-ball* – teve uma das suas rodadas canceladas pelas fortes chuvas, enchentes e alagamentos dos campos. É possível supor que as ligas negras que foram constituídas na década de 1920 em Porto Alegre possam ter tido as mesmas dificuldades em relação à constituição das mesmas.⁶³ No entanto, ao comentar sobre seu ingresso na liga, Flavio percebeu que muitos obstáculos se deram pelo fato da liga ter sido criada de uma forma um tanto apressada. Isso acabou por prejudicar o estabelecimento de suas leis e regulamentos. Mas identificou que se trabalhava com muita força de vontade, muito zelo, interesse e muita dedicação no sentido de eliminar tais barreiras. Tanto é que em seu discurso há uma promessa de reforma radical do estatuto de regimento da liga para melhorar a organização, garantindo o interesse dos clubes colegiados. Essa fala de Flavio nos faz perceber a necessidade que o meio negro futebolístico de Porto Alegre tinha de ter uma liga estruturada e organizada para poder praticar o futebol de forma competitiva.

Estimasse, então, que abril de 1920 seja o mês de fundação da liga. Um segundo ponto que podemos retirar do discurso de Flavio é que assim que a ideia foi organizada e posta em prática, as associações que já tinham vida regular começaram a querer ingressar na liga e outras, que foram organizadas a partir da criação da liga, também começaram a pleitear sua vaga nela. Isso se explica pois

A liga Nacional de Foot Ball era uma grande necessidade e que vinha tornerer ao nosso meio social motivos de facil e util congraçamento, ao demais, que contribuia para a cultura e a educação physica da mocidade, sobre cuja grandeza e fortaleza residem os mais altos designios da nossa nacionalidade. (*O EXEMPLO*, 8 de maio de 1921)

No entanto, a criação de ligas populares estava longe de ser uma realidade típica porto-alegrense. A historiografia futebolística focada no Rio Grande do Sul tem nos mostrado que o racismo da sociedade riograndense proporcionou, como consequência à exclusão de negros das ligas e clubes da elite branca, a criação de clubes e ligas próprias para a prática por diversas partes do estado.

⁶³ O Trabalho de Conclusão de Curso de Dornelles (2018) analisou o advento das ligas negras que se constituíram na década de 1920 em Porto Alegre. Além da *Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense* e da *Associação de Amadores de Foot-ball*, mencionadas aqui, tivemos também *Associação Sportiva de Foot-ball*.

Em Pelotas, por exemplo, o estudo de Mackedanz (2016) ajuda a nos situar nessa problemática. O autor se propõe a analisar de que forma o racismo se manifestou no futebol no início do século XX e como a comunidade negra reagiu frente à segregação no esporte, verificando o papel que as ligas de futebol negras assumiram nesse processo.⁶⁴

Pelotas é uma cidade com longa tradição futebolística. “Em qualquer momento no transcorrer da segunda década XX, quem visitasse Pelotas seria levado, pela força dos fatos, a tomar contato com o ruidoso movimento em torno do futebol.”⁶⁵ Dessa forma, as organizações futebolísticas logo se consolidaram para a prática da novidade.

A Liga José do Patrocínio⁶⁶ foi fundada em 10 de junho de 1919 a partir de clubes engajados na prática do futebol e ela buscou se organizar numa perspectiva de contraponto ao futebol da elite pelotense que barrava a inserção de jogadores negros em seus clubes. A primeira edição teve S.C Juvenil, S.C América do Sul, G. S. Vencedor e S.C Universal como participantes (todos clubes de futebol negros). Posteriormente, ingressaram à liga: União Democrata e Luzitano.

Mackedanz argumenta que a liga teve importância para além da prática esportiva. Isso porque foram inúmeros bailes, festas e quermesses organizadas a partir dos clubes participantes. Tudo isso converge para a possibilidade de “concluir que realmente, na Pelotas das primeiras décadas do século XX, essa Liga e os clubes de futebol que a compunham, foram um dos instrumentos de sociabilidade e de organização e fortalecimento da comunidade negra da cidade.”⁶⁷ A liga atuou por vários anos em prol da organização futebolística negra. Estima-se que tenha existido até final da década de 1930⁶⁸ e assim como as ligas que se constituíram em Porto Alegre na mesma época atuaram no sentido da coletividade negra e em prol do exercício da cidadania

⁶⁴ A pesquisa se localiza na cidade de Pelotas, pois, segundo o autor, é um local de muito potencial para estudos que se enfoquem na população negra devido a ser a maior população de afrodescendentes do interior do estado do Rio Grande do Sul.

⁶⁵ MASCARENHAS, 2001, p. 189.

⁶⁶ O nome carrega todo um simbolismo, já que a própria imprensa negra considera José do Patrocínio como “imortal líder negro, da campanha abolicionista” (ALVORADA, 05/05/1936, p. 11).

⁶⁷ MACKDANZ, 2016, p. 115.

⁶⁸ Mackdanz afirma que a última notícia encontrada sobre a liga no jornal *A Alvorada*, periódico da imprensa negra do qual utilizou como fonte para seu trabalho, data 1936.

Considerações finais

Para a população negra, o futebol, o uso da imprensa ou outro tipo de associação negra, como clubes culturais ou bailantes, eram importantes no sentido de uma afirmação identitária positiva, reivindicação política e eram espaços onde podiam exercer sua cidadania frente a uma república excludente. O objetivo era “reunir-se com amigos e familiares para a diversão, para o aprendizado comum, para o fortalecimento da autoestima, para reprodução dos laços culturais e religiosos”⁶⁹. Compreendemos aqui o futebol como parte da extensa rede de sociabilidades negras, das quais foram se estendendo no decorrer do século XX. Concordando com Santos (2018), o futebol, então, serviu não apenas dentro de uma perspectiva de lazer, mas para integração social e para a defesa política de direitos em uma sociedade que recém havia saído da escravidão. Acima de tudo, um instrumento de organização negra no pós-abolição e de resistência também.

Muitos foram os agentes da difusão e construção do futebol em Porto Alegre. Historicamente, membros da elite são vistos como os principais precursores. Entretanto, clubes de origem popular, clubes de origem negra parecem terem se inspirado na visita do S.C Rio Grande à Porto Alegre 1903 e a partir disso começaram a consolidarem seus próprios universos futebolísticos em paralelo a sua exclusão de participação nas ligas dos estratos economicamente mais colocados da cidade. A recepção feita pelo influente negro Aurélio Bittencout, a criação, logo em seguida, do importante clube negro *Sport Club Rio-Grandense* – possível terceiro clube de futebol da cidade – nos denotam que a difusão do futebol em terras porto-alegrenses tiveram como agentes também a população negra dos arrabaldes da cidade e da parte negra mais colocada socialmente, como Aurélio.

Essa participação também se deu pela parte intelectual negra, representada aqui pelo *O Exemplo*. Esse estudo localizou que o jornal atuou de forma efetiva na disseminação do futebol a partir de 1910. As notícias se caracterizavam por mostrar a organização de partidas, bem como seus resultados, formação de diretorias, fundação de novos clubes e algumas outras concepções sobre o mundo da bola. Poucas vezes podemos notar, no entanto, que o futebol estampou a capa do jornal ou recebeu uma atenção muito além de poucas linhas. Entretanto, as páginas do *O Exemplo* nos proporciona uma proximidade da visão que a imprensa negra tinha sobre a novidade e da importância que parte da população negra da cidade que se aliou à prática deu para isso. Embora ainda tenhamos algumas lacunas sobre o

⁶⁹ SANTOS, 2018, p. 96.

grandioso acervo do jornal, foi possível perceber pelas páginas pesquisadas um excelente cenário para compreender o desenvolvimento do futebol em Porto Alegre e no resto do Estado, bem como os seus significados para além das quatro linhas, em especial para a população negra da cidade.

Assim, o jornal *O Exemplo* percebeu sua importância para parte da população negra porto-alegrense e passou a ser um difusor da novidade também, em um contexto em que a imprensa de modo geral estava se difundindo e assumindo uma importante relevância social. Entretanto, é difícil definir, de fato, o papel do jornal nesse processo de difusão do futebol em Porto Alegre. Consideramos que esse objetivo não pôde ser alcançado aqui, pois não houve comparação com outros meios e, principalmente, não houve um estudo de recepção, feito com a população, por exemplo.

Mesmo excluídos dos clubes mais tradicionais, em especial Sport Club Internacional e Grêmio Football Porto Alegrense, a população negra, em um movimento de contra-ataque, fundou seus próprios clubes, times, organizações futebolísticas e as difundiram dentro das suas comunidades porto-alegrenses, ampliando aquela que seria a futura paixão nacional para as periferias da cidade. De lá, saíram grandes craques da bola que desfilaram seus talentos nas ligas negras e, posteriormente, adentraram nos clubes da elite para se destacarem também.

Fontes primárias

O EXEMPLO, 24 de agosto de 1904
O EXEMPLO, 28 de agosto de 1904
O EXEMPLO, 15 de outubro de 1910
O EXEMPLO, 16 de janeiro de 1910
O EXEMPLO, 16 de outubro de 1910
O EXEMPLO, 20 de fevereiro de 1916
O EXEMPLO, 5 de novembro de 1916
O EXEMPLO, 3 de março de 1918
O EXEMPLO, 23 de junho de 1918
O EXEMPLO, 12 de dezembro de 1920
O EXEMPLO, 26 de dezembro de 1920
O EXEMPLO, 16 de janeiro de 1921
O EXEMPLO, 10 de abril de 1921
O EXEMPLO, 8 de maio de 1921
O EXEMPLO, 24 de outubro de 1926
A FEDERAÇÃO, 3 de junho de 1905
A FEDERAÇÃO, 29 de agosto de 1903

REFERÊNCIAS

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Mauad: Editora Ltda, 2002.

ALBUQUERQUE, Wlamyra. “A vala comum da ‘raça emancipada’”: abolição e racialização no Brasil, breve comentário. **História Social**, n. 19, p. 91-108, 2010.

ARRUDA, Pedro Fassoni. Liberalismo, direito e dominação da burguesia agrária na Primeira República brasileira (1889-1930). **Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais**, n. 1, 2007.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, v. 12, p. 100-122, 2007.

DOMINGUES, Petrônio. Negros no Brasil Meridional: associativismo no pós-Abolição. In: MENDONÇA, Joseli; MAMIGONIAN, Beatriz; TEIXEIRA, Luana. **Pós-abolição no Sul do Brasil: associativismo e trajetórias negras**. Salvador: Saggá, 2020. p. 22-37.

DORNELES, Maurício. **Tem tomado sério desenvolvimento entre nós o jogo de futebol: As Ligas e Associações negras de futebol em Porto Alegre no pós-abolição (1920-1923)**. 2018. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

GOMES, Luciano da C.; PERUSSATTO, Melina K.; ROSA, Marcus Vinícius de F. et al. **Pessoas comuns, histórias incríveis: a construção da liberdade na sociedade sul-rio-grandense**. Porto Alegre: Ed. UFRGS; EST Edições, p.63-83. 2017.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. 500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da "província de chuteiras". **Anos 90**, v. 8, n. 13, p. 21-50, 2000.

HOBBSAWM, Eric J. **Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MACIEL, Maria Eunice de Souza. A eugenia no Brasil. **Anos 90**, n. 11, jul. p. 121-143, 1999.

MACKEDANZ, Christian Ferreira. **Racismo “nas quatro linhas”**: os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901-1930). 2016. 181 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

MASCARENHAS, Gilmar. **A bola nas redes e o enredo do lugar: por uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul**. 2001. 279 f. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, SP, 2001.

MASCARENHAS, Gilmar. O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre. **Anos 90**, v. 7, n. 11, p. 144-152, 1999.

PATTO, Maria Helena Souza. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. **Estudos avançados**, v. 13, n. 35, p. 167-198, 1999.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, (1902-1938). 1998. 380 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1998.

PERUSSATTO, Melina Kleinert. **Arautos da liberdade**: educação, trabalho e cidadania no pós-abolição a partir do jornal O Exemplo de Porto Alegre (c. 1892-c. 1911). 2018. 344 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

REINHART, KOSELLECK; PATRÍCIA, Maas Wilma; ALMEIDA, Pereira Carlos. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: contraponto, p. 97-190, 2006.

ROSA, Marcus Vinicius de Freitas (et al). **Além da invisibilidade**: história social do racismo em Porto Alegre durante a pós-abolição (1884-1918). 2014. 312 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2014.

SANTOS, José Antônio dos. **Liga da Canela Preta**: a história do negro no futebol. Diadorim Editora, 2018.

SANTOS, José Antônio dos. **“Canelas pretas” no fundão da américa**: imprensa negra e futebol. In GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; FRAGA, Gérson Wasen; STÉDILE, Miguel Enrique. À sombra das chuteiras meridionais. 2021

SANTOS, José Antônio dos. **Prisioneiros da história**: trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional. 2011. 281 f. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Fernanda Oliveira da et al. Ciclo de debates sobre o jornal “O Exemplo”: temas, problemas e perspectivas. **Porto Alegre: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, 2016.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **Memória social dos esportes II**: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, p. 15-32, 2006.

SILVA, Lucia Helena Oliveira; XAVIER, Regina Célia Lima. Historicizando o associativismo negro: contribuições e caminhos da historiografia. **Revista Mundos do Trabalho**, v. 11, p. 1-15, 2019.

SOARES, Ricardo Santos et al. **O foot-ball de todos**: uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903-1918. 2014. 182 f. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

STÉDILE, Miguel Enrique Almeida. **Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre**. 2011. 180f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria—ou um planetário de erros*. Trad. Waltensir Dutra. **Rio de Janeiro: Zahar Editores**, 1981.

THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Edward P. Tempo, disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: ***Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional***. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 267-304.

ZUBARAN, Maria Angélica. Comemorações da liberdade: lugares de memórias negras diaspóricas. **Anos 90**, v. 15, n. 27, p. 161-187, 2008.